

Memória do fogo

projeto expográfico para os
bombeiros militares mineiros

Andréa Lomeu Beltrão
Silvania Sousa do Nascimento



FAE/UFMG
Belo Horizonte
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Reitora Sandra Regina Goulart Almeida

Vice-Reitor Alessandro Fernandes Moreira

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Diretora Andréa Moreno

Vice-Diretora Vanessa Ferraz Almeida Neves

MESTRADO PROFISSIONAL EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA (PROMESTRE)

Coordenadora Cláudia Starling Bosco

Subcoordenadora Keli Cristina Conti

EDITORIA SELO FAE

Editor-Chefe Ademilson de Sousa Soares

Editora Adjunta Ana Maria Oliveira Galvão

EDITORIA SELO FAE (2021-2023)

Editora-Chefe Suzana dos Santos Gomes

Editora Adjunta Ademilson de Sousa Soares

COMISSÃO EDITORIAL

Juliana de Fátima Souza – Departamento de Administração Escolar

Maria Amália de Almeida Cunha – Departamento de Ciências Aplicadas à Educação

Telma Borges da Silva – Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino

Conceição Aparecida Oliveira dos Santos – Representante discente (PROMESTRE)

Daniilo Marques Silva – Representante discente (PPGE)

COMITÊ CIENTÍFICO NACIONAL

Ana Elisa Ribeiro

Breyenner Ricardo de Oliveira

Cezar Luiz de Mari

Gelsa Knijnik

Hércules Tolêdo Corrêa

Leonardo Rolim Severo

Lia Tiriba

Marcelo Lima

Maria de Fátima Barbosa Abdalla

Maria Fernanda Rezende Nunes

Maria Rita Neto Sales Oliveira

Marlécio Maknamara

Mitsuko Antunes

Nilmara Braga Mozzer

Regilson Maciel Borges

Simone de Freitas Gallina

Surya Aaronovich Pombo de Barros

Tacyana Karla Gomes Ramos

Verônica Mendes Pereira

COMITÊ CIENTÍFICO INTERNACIONAL

Daniel Melo

Eduardo José Campechano Escalona

Eric Plaisance

Felipe Andres Zurita Garrido

Juan Arturo Maguiña Agüero

Mirta Castedo

Sébastien Ponnou

Silvia Parrat Dayan

© as autoras, 2023.

CAPA E PROJETO GRÁFICO Ana Cláudia Dias Rufino

COORDENAÇÃO DE TEXTOS Olívia Almeida

PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS Lorrany Silva

DIAGRAMAÇÃO Ana Cláudia Dias Rufino

ISBN 978-65-88446-40-9

B453m Beltrão, Andréa Lomeu, 1985-
Memória do fogo [recurso eletrônico] : projeto expográfico
para os bombeiros militares mineiros / Andréa Lomeu Beltrão,
Silvania Sousa do Nascimento. -- Belo Horizonte: UFMG / FaE,
2023.

138 p. : il., color.

ISBN: 978-65-88446-40-9.

Bibliografia: p. 130-136.

1. Museu dos Militares Mineiros. 2. Corpo de Bombeiros
Militar de Minas Gerais -- Museus. 3. Educação. 4. Museus --
Aspectos educacionais. 5. Bombeiros. 6. Memória.

I. Título. II. Nascimento, Silvania Sousa do, 1961-.

CDD- 069.9

Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O

Editora Selo FaE – Faculdade de Educação – Universidade Federal de Minas Gerais

Av. Antônio Carlos, 6627, Pampulha

CEP 31.270-901 – Belo Horizonte/MG

site: livrosabertos.fae.ufmg.br | e-mail: editora.selofae@gmail.com

A Deus, pelo dom da vida, por seu amor incondicional
aos seres humanos e por sua misericórdia para os seres não
humanos deste planeta.

Aos colaboradores que, gentilmente, abriram seus baús
de memória e compartilharam suas histórias conosco.

Aos colegas, aos amigos e aos familiares que foram pri-
vados de nossa presença e àqueles muitos que compartilha-
ram nosso percurso de pesquisa.

Aos financiadores, Conselho Nacional de Desenvolvi-
mento Científico e Tecnológico (CNPq) e Coordenação de
Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), um
especial agradecimento pela viabilidade de finalização da
investigação.

A todos vocês, nossa enorme gratidão!

Sumário

Baú de memórias	6
Apresentação	13
1. Os museus militares	23
2. Conhecendo as memórias dos bombeiros militares	50
3. Uma instalação para o Museu dos Militares Mineiros	76
Considerações Finais	125
Referências	130
Sobre as autoras	137

Baú de memórias

Tudo o que a
memória amou já
ficou eterno.
Adélia Prado

Nossa paixão pelos museus remonta a muitas vivências afetivas no nosso encontro de diferentes gerações. De uma parte, é impossível lembrar ao certo quando nos apaixonamos por esses espaços. Ao fecharmos os olhos e revirmos nossos baús de memórias, encontramos infâncias e adolescências repletas de visitas a museus, centros culturais e cidades-monumentos: Museu da Inconfidência, Museu Imperial, Museu Histórico Nacional, Museu Casa Padre Toledo, Casa dos Contos, igrejas do período colonial, Casa de Cultura de Paraty, Forte de Copacabana, Tiradentes, São João del-Rei, Congonhas, Ouro Preto, Paraty, Petrópolis. Passeios de trem, cavalgadas e Folias de Reis, cânticos de terreiros e rezas de nossas avós benzedeadas, tambores das Guardas de Congado, tudo era encantamento, sons, cheiros e alegrias juvenis. Talvez tenham sido essas experiências que despertaram tal paixão, nosso interesse pelos museus e o caminhar que nos aproximaram por trilhas profissionais diferenciadas na área da cultura museal.

O acervo da Polícia Militar de Minas Gerais (PMMG) nos encontrou em alguns momentos da nossa vida profissional. Muitas coleções privadas e públicas que relatam as memórias dos militares

mineiros estão nos porões de nossos quartéis, consolidando o afastamento de um passado conflituoso de nosso país. No período de fortalecimento das instituições democráticas, uma pacificação em relação a esse passado emergiu, e a abertura de tais acervos se adensou com a construção de novos pilares para uma política de Segurança Pública de proximidade e confiança.

Em 2011, iniciamos a colaboração na comissão que, partindo da coleção do extinto Museu Histórico da Polícia Militar de Minas Gerais (MHPM), instalado nas dependências da Academia de Polícia Militar de Minas Gerais (APM),¹ deveria propor um novo museu. Essa primeira coleção foi organizada na década de 1970, pelo major Capelão Padre Luiz De Marco Filho, da APM. Ao reunir bens das mais diversas procedências (doações de objetos de uso pessoal dos militares, doações de outras instituições, outros artefatos, documentações da PMMG e do Corpo de Bombeiros, entre outras) e objetos de diversas tipologias (tridimensionais, fotografias, mapas e documentos), que tratavam do universo militar, o major proporcionou a formação de um importante acervo para as corporações militares do estado de Minas Gerais.

Em 1999, no contexto de desvinculação do Corpo de Bombeiros da Polícia Militar,² parte das peças do acervo do MHPM passou à tutela do Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais (CBMMG), que as expôs, até o ano de 2012, em seu recém-criado Núcleo de Memória, localizado na Avenida Álva-

1. Rua Diabase, n. 320, Prado – Belo Horizonte, MG.

2. Criado em 31 de agosto de 1911, o Corpo de Bombeiros mineiro esteve, em alguns momentos, ligado a outras instituições. De 1966 a 1999, era parte integrante da PMMG. Em 1999, recebeu o nome de Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais.

res Cabral, em Belo Horizonte. A área onde estava instalado o MHPM na APM, em decorrência de diferentes demandas de uso de espaço, foi gradualmente sendo reduzida, até se concentrar em uma única sala, que foi fechada no fim da primeira década dos anos 2000.

Ao longo do tempo, alguns esforços foram realizados no sentido de revitalizar o MHPM, mas todos sem sucesso. Concomitantemente, o CBMMG também ansiava por ter um espaço adequado para a exposição de seu acervo. Assim, articulações da PMMG e do CBMMG, do Governo do Estado de Minas Gerais, por meio da Superintendência de Museus e Artes Visuais (SUMAV), da Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais (SEC-MG),³ deram início, em 2013, ao processo de criação de um novo museu na cidade de Belo Horizonte. Esse foi um período de grande expansão do setor museal no estado, com financiamento público para criação e manutenção de equipamentos culturais. Nós participamos desse contexto de efervescência cultural: uma na comissão de implantação do museu; outra atuando em diferentes funções na SUMAV.

Nesse contexto, em junho de 2013, foi realizado o primeiro mapeamento dos acervos, atividade desenvolvida pela Associação Feminina de Assistência Social e Cultura (AFAS), em parceria com a SUMAV. Em paralelo, a superintendência lançou três editais públicos para contratação de projetos de curadoria e expografia, pesquisa e elaboração de plano museológico e execução de serviços de

3. Em 2019, na reforma administrativa do governo do estado, a nomenclatura foi alterada para Secretaria de Estado de Cultura e Turismo (SECULT). Neste livro mantemos a nomenclatura da época.

conservação e restauração dos bens culturais móveis. Os trabalhos das empresas que passaram nos editais públicos foram acompanhados por uma comissão composta por membros da PMMG, do CBMMG e da AFAS,⁴ com o objetivo de realizar a interlocução entre as corporações e as empresas. Por fazermos parte dessa delegação, acompanhamos de perto o processo de implementação desse espaço museológico. Foram meses de trabalho para definir como seria, em um primeiro momento, o denominado Museu Militar, que, posteriormente, já à época de sua inauguração, passou a ser chamado de Museu dos Militares Mineiros (MMM).

O governo do estado de Minas Gerais havia determinado uma data para a inauguração do MMM. Assim, correndo contra o tempo e sem todo o processo de implementação concluído, no dia 19 de março de 2014, o museu foi inaugurado com uma exposição de longa duração. No entanto, a equipe que trabalhou durante a criação do MMM considerou inadequado o processo de instalação e estabeleceu um cronograma de mudanças expográficas a partir de novas narrativas. Contudo, por questões de orçamento, as alterações na expografia não aconteceram até o momento da publicação deste livro.

Após sua inauguração, o MMM passou a integrar, por meio do Decreto nº 46.577, de 07 de agosto de 2014, o quadro de museus pertencentes à SUMAV, sendo assim um museu público do estado. Por ser um equipamento cultural estatal, que representa mais de uma instituição, foi criado um Conselho

4. Presidida, por força de estatuto, pela esposa do comandante-geral da PMMG, a associação sem fins lucrativos, naquele momento, apoiava as ações relacionadas à criação do museu e funcionaria como uma associação de amigos do museu. Em 2015, com a mudança de governo e da presidência da associação, tal objetivo não se cumpriu, e a AFAS, gradualmente, foi retirando seu apoio ao MMM.

Gestor,⁵ com o objetivo de apoiar e assessorar a SUMAV em todos os processos relacionados à organização, tanto nas tarefas de natureza administrativa quanto naquelas diretamente relacionadas às especificidades do campo museal (acervo, pesquisa e comunicação). Assim, o Conselho Gestor – do qual faz parte uma das autoras deste livro, pesquisadora da área museológica – capacita mediadores, desenvolve programações e atividades educativas e participa da concepção e das montagens de exposições temporárias, além de assessorar as tomadas de decisões administrativas.

Ser membro do Conselho Gestor do MMM e vivenciar um museu de forma diferente da maneira como era vivenciado na infância e na adolescência, ou seja, agora com participação em suas engrenagens, em seu cotidiano, nos encaminha para problematizações ligadas a esses espaços. Entre elas: a relação com os visitantes e a dificuldade de formação de público; a manutenção da expografia e o desenvolvimento de novas exposições; as lacunas existentes nas exposições; as mediações pedagógicas e museais; as dificuldades de financiamento e de realização de pesquisa; a falta de interesse do poder público nas ações cotidianas dos equipamentos culturais; a escassez de funcionários; e as fragilidades de um programa educativo.

Desse modo, este livro pretende compartilhar nossas experiências com gestores, mediadores, professores e apaixonados por espaços de memórias. Buscamos, dentro de uma visão interna da

5. Resolução nº 48, de 30 de dezembro de 2014. Conselho composto por representantes da SUMAV, PMMG, CBMMG e AFAS.

cultura militar e de uma perspectiva externa da cultura museal, compreender o papel da instituição em uma comunicação pública de narrativas desses sujeitos militares.

Embora a figura do bombeiro tenha uma imagem pública bastante positiva, a cultura militar carece de valorização de sua própria memória, assumindo suas glórias e seus fracassos, de modo a ser reconstituída como parte integrante das instituições democráticas de nosso país. Em meio a artefatos de trabalho, indumentárias, instrumentos musicais, insígnias, armamentos, fotografias e documentos, quase não percebemos os sujeitos militares naquele espaço. Assim, acreditamos que a falta de reconhecimento da memória do sujeito que integra as corporações é uma das maiores lacunas na exposição do MMM.

Em 2015, conhecemos a Confraria do Fogo,⁶ instituição formada por bombeiros militares veteranos, da reserva e reformados.⁷ São militares que integraram a corporação em tempos diferentes dos que temos hoje, como na época em que o Corpo de Bombeiros pertencia à PMMG, e que compõem a história da instituição. Assim, a vontade de valorizar as memórias desses sujeitos sobre seu ofício e de comunicá-las no MMM foi o ponto de partida deste livro.

É importante destacar que partimos das reflexões de Alain Touraine (1992) sobre o nascimento do sujeito na modernidade. Entre as muitas análises dos chamados triunfos do racionalismo téc-

6. Entidade, segundo seu documento de apresentação, organizada em 2011 com o objetivo de reunir os bombeiros militares que, tendo cumprido seu dever no período ativo, desejam continuar o convívio e trocar experiências.

7. O militar da reserva segue à disposição da corporação e pode ser reconvocato por necessidade do serviço. Já o militar reformado está definitivamente afastado ou aposentado.

nico-científico da modernidade, esse sociólogo francês aborda o sujeito como o descolamento da imagem de indivíduo criada por papéis, normas e valores ordenados socialmente e os permanentes conflitos entre a ordem estabelecida pelo sistema social, os comportamentos esperados e as relações de poder. Dessa forma, nossa proposta não discute o indivíduo em si, mas o sujeito bombeiro militar em sua função social e em seus conflitos e suas relações no interior da cultura militar.

Apresentação

Os museus se constituem por meio de processos dinâmicos, que se configuram a partir das demandas sociais do tempo em que estão inseridos. Entendidos como lugares especializados na preservação e na comunicação do patrimônio, os museus da atualidade podem ser concebidos como instituições socialmente responsáveis, uma vez que adotam como uma de suas principais tarefas a prestação de serviço à população, assumindo, assim, um forte comprometimento com o desenvolvimento humano (VARINE, 2012).

Ao longo do tempo, a forma e as funções dos museus variaram de acordo com seu contexto histórico, e, segundo o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram),⁸ eles são hoje pontes, portas e janelas que conectam mundos, tempos, culturas e pessoas diferentes. Essa concepção que possuímos acerca dessas instituições a serviço da sociedade que conectam culturas, é o resultado de mudanças que ocorreram a partir da década de 1970. Nascimento e Ventura (2001), ao analisarem o contexto dos museus, destacaram que eles adquiriram novas funções sociais e econômicas em decorrência das mudanças tecnológicas e político-sociais da última década do século XX.

Por muito tempo, os museus foram espaços que reforçaram os discursos políticos nacionalistas e que reafirmaram os legados dos estados hegemô-

8. Ver mais em: www.museus.gov.br.

nicos, priorizando narrativas coloniais. Entretanto, as transformações tecnológicas, o crescimento dos meios de comunicação e as mudanças políticas, culturais e econômicas que aconteceram a partir da segunda metade do século XX⁹ deixaram seu reflexo no campo museológico. Assim, os museus tradicionais, que difundiam a cultura e a realidade social das elites, já não respondiam aos anseios, às necessidades e às preocupações da sociedade, sendo necessário transformá-los, adaptá-los e renová-los (ALMEIDA, 1996). Dessa maneira, com a formulação de novos princípios e práticas, que procuravam imprimir aos museus um caráter dinâmico, de centros de informação, lazer e educação do público, surgiu a nova museologia.¹⁰

Ao discorrer acerca das inovações e das transformações dos museus, a museóloga Ignez Franco (2019) afirma que, no contexto das mudanças aceleradas do século XXI, em que já não existe estabilidade das fronteiras políticas e econômicas, e quando as novas plataformas tecnológicas e comunicacionais permitem que estejamos em qualquer lugar, a qualquer hora, física ou virtualmente, os museus têm, então, o papel social de ancoradouro da memória e de esteio das relações humanas.

O museu, lugar de interpretação e de construção de significados, ocupa uma posição privilegiada na cena contemporânea. Oferece um espaço e conteúdos de temporalidade amalgamada, reconstitui a

9. A segunda metade do século XX foi palco de diversas mudanças, como os movimentos de contracultura, a criação da internet e a divisão do mundo entre capitalismo e socialismo.

10. Termo criado para definir uma perspectiva prática e conceitual da museologia, com foco nas relações que a sociedade estabelece entre si, o patrimônio, a cultura e a educação (CURY, 2006).

memória do passado, testemunha e reflete sobre o presente, e constrói o patrimônio do amanhã. (FRANCO, 2019, p. 16)

Para Bruno Soares (2015), as décadas de 1960 e 1970 foram marcadas pelo desabrochar de uma nova mentalidade no campo museal. Os debates e as conferências do Conselho Internacional de Museus (ICOM) que aconteceram nesse período foram convites para os atores do campo museológico refletirem sobre um museu aberto para a sociedade, um museu com a possibilidade de se tornar um lugar de debate entre cidadãos (BROWN; MAIRESSE, 2018). Nesse sentido, a Declaração de Santiago do Chile,¹¹ publicada em 1972 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), defende a responsabilidade primária dos museus em atender às necessidades de suas comunidades. Os museus passaram, assim, a ser entendidos como instituições a serviço da sociedade, com subsídios que lhes permitem participar e colaborar na preservação e na valorização das memórias e dos saberes das comunidades às quais pertencem. Portanto, os museus, que tinham seu foco em valores tradicionais de custódia, preservação e interpretação, passaram a investir em uma agenda propositiva de circulação de saberes e conhecimentos locais para além da valorização e da conservação de seus patrimônios materiais.

Karen Brown e François Mairesse (2018) afirmam que as mudanças de perspectiva dos museus trouxeram inúmeros benefícios, de modo que se

11. Em 1972 a América Latina viveu um contexto de enfrentamentos políticos e de restabelecimento de suas democracias. Foi nesse cenário que um grupo de profissionais e pesquisadores do campo museal discutiu as instituições museológicas e propôs a Declaração de Santiago do Chile.

tornaram mais abertos às sociedades humanas. Assim, podemos apreender que os museus são como um laboratório, uma experiência, um instrumento para a comunidade, podendo se desenvolver em um contínuo, como um fenômeno social (SOARES, 2015).

Os museus, portanto, na atualidade, abrem-se à comunidade e ao presente. Nesse sentido, os espaços museológicos do século XXI utilizam-se das mais diversas práticas e saberes de forma interdisciplinar, e manejam uma série de especialidades de maneira particular para lidar com o substrato de seus acervos, para entender suas relações com o humano e com os contextos em que se inserem (CURY, 2006).

Para o professor e pesquisador Ulpiano Bezerra de Meneses (2011), a grande mudança da função dos museus na contemporaneidade está no despertar da utilização da memória como instrumento de poder. Assim, eles não devem ser vistos como simples espaços de produção, preservação e reforço de uma memória específica, mas de confronto, visão crítica e entendimento de memórias, aqui compreendidas como diversificadas, conflitantes e plurais.

A partir da nova museologia, os museus podem ser entendidos como espaços de conhecimento, informação, aprendizagem, encantamento, retraimento, revelações, reconhecimentos, identificações, estranhamentos, catarses e engajamentos (DUTRA, 2012). São, pois, lugares de múltiplas experiências e aprendizagens, onde se educa principalmente por meio da sensibilização (NASCIMENTO, 2011).

Por ser um ambiente de aquisição de conhecimento, o museu “educa não somente pela sua materialidade, mas também pelas palavras, pelos gestos, pelos saberes, pela sonoridade e silêncios, pelas relações que se estabelecem” (PEREIRA; SIMAN; COSTA; NASCIMENTO; 2007, p. 12).

Primeiros elementos para uma proposta museográfica

Tendo como referência nossas experiências¹² em vários espaços – de uma parte, nos quase seis anos acompanhando as atividades do MMM; de outra, nos mais de 20 anos na gestão e na pesquisa em ambientes não escolares –, trilhamos os elementos para uma renovação da expografia do museu. Iniciamos com a problematização do acervo organizado e percebemos que, em meio a tantos artefatos, objetos, documentos e fotografias em referência ao universo militar, a expografia proposta oferecia poucos espaços para o debate acerca das memórias dos militares e para a valorização dos sujeitos que compõem as instituições militares mineiras.

Em uma narrativa linear, que exaltava as corporações militares, sem pontos de vista diversificados e plurais, a única referência aos sujeitos que compõem essas instituições era a plotagem, nos corredores do museu, de dois murais de fotos no formato 3x4 com os rostos daqueles que faziam

12. Segundo Jorge Larrosa Bondía (2002), a experiência é algo que nos acontece, que nos toca. Viver a experiência requer pensar, olhar, escutar, suspender o automatismo de ação, cultivar a atenção e a delicadeza, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

parte das corporações à época da inauguração do MMM. Essas fotos de identificação dos militares receberam uma nova função de acolhida e de ligação entre o acervo e o visitante (cf. Figura 1). Observamos igualmente a ausência das diferentes gerações de militares, daqueles que trabalharam em outras épocas do CBMMG e dos bombeiros militares que já não estão no serviço ativo e que fizeram parte da história da corporação.

Figura 1 – Painel com fotos dos bombeiros militares (corredor do segundo pavimento do MMM).



Fonte: Museu dos Militares Mineiros/Diretoria de Museus/Secretaria de Estado de Cultura e Turismo de Minas Gerais.

Foto por Israel Crispim.

Identificados como um corpo, como o próprio nome da instituição diz, os bombeiros militares trabalham em grupos, em que um ampara e protege o outro. A maneira de falar, a forma de se vestir, os treinamentos, os gestos e os símbolos os uniformizam, tornando-os membros de um único corpo. Mas essa estrutura corporal, essa unidade, é formada por uma pluralidade, por sujeitos diferentes. Assim, este livro teve por escopo conhecer o sujeito que forma esse corpo: como foi sua carreira, sua formação, fatos marcantes e seus sentimentos em relação a sua profissão. Partimos em busca do conhecimento dessas memórias como elemento inicial para a revisão da expografia, supondo que haveria espaço para visões diversificadas e plurais sobre a instituição da qual esses sujeitos fizeram parte.

Assim, tendo em vista as mudanças conceituais propostas pela nova museologia, e entendendo que, mais que servir como lugar de afirmação e legitimação de dado acervo ou coleção, os museus, independentemente de suas tipologias ou formatos, devem configurar-se como mediadores das diferentes vivências, como espaços de reflexão, como produtos de uma sociedade democrática (MENESES, 2011), desenvolvemos a proposta de uma instalação para a expografia do MMM com foco na valorização das memórias dos bombeiros militares reformados e da reserva. Nossa primeira abordagem avaliou a inserção de fragmentos de falas desses bombeiros e de elementos visuais de

referência às categorias emergentes de seus discursos, tão ausentes na atual proposta expositiva.

Dessa forma, tomamos como objetivo geral do livro conhecer as memórias de bombeiros militares de Minas Gerais sobre seu ofício com o intuito de produzir uma instalação para exposição permanente no Museu dos Militares Mineiros.

A estrutura deste livro

Esta obra resulta de um trabalho sobre a memória realizado com alguns membros da Confraria do Fogo, organização que reúne bombeiros militares que já se aposentaram, e de sua aplicação no Museu dos Militares Mineiros. Assim, entrevistamos seis membros da Confraria, que participaram da pesquisa de forma voluntária e que tinham em comum o fato de terem servido no CBMMG, além de serem membros da Confraria do Fogo, relacionada a essa corporação. Suas idades, formações, postos ou graduações à época em que serviram eram diversificadas.

Ressaltamos que este não foi um trabalho de amostragem. Nosso intuito foi registrar as narrativas dos bombeiros militares reformados ou da reserva sobre a época em que trabalhavam no Corpo de Bombeiros, a relação com suas famílias, com os colegas de trabalho e com os artefatos utilizados para o cumprimento de suas missões. Partindo de uma corporação que busca homogeneizar e uni-

formizar seus membros, nosso objetivo foi, então, descortinar as múltiplas memórias, as quais carregam a diversidade do sujeito, que assim compõe o corpo social.

Também não foi nossa intenção confrontar os fatos relatados com os documentos oficiais. Nosso interesse estava no que era lembrado, no que era escolhido como relevante para os entrevistados. Isso porque, segundo Ecléa Bosi (1993), os arquivos e os livros de história registram um ponto de vista, uma versão do ocorrido. Os registros orais também são fontes históricas e podem, portanto, ser compreendidos como pontos de vista sobre determinados fatos e acontecimentos.

Nesse sentido, David Celetti e Elisabetta Novello (2006) defendem que produzir obras a partir da História Oral não significa tratar as fontes como materiais adicionais em comparação com outros, como os documentos escritos. Para tais pesquisadores, o material coletado é a própria fonte.

Para a realização deste trabalho, foi necessário entender e conceituar os museus militares, instituições que surgiram há séculos e realizam a salvaguarda de objetos relacionados ao universo militar. Assim, no capítulo “Os museus militares”, realizamos um panorama sobre as instituições museológicas da tipologia militar e apresentamos o Museu dos Militares Mineiros e sua estrutura física e administrativa, além de defender seu papel como lugar de memória. Por fim, trazemos um panorama histórico do Corpo de Bombeiros Militar de Minas

Gerais, instituição representada no MMM, a qual compuseram os participantes da pesquisa.

Em “Conhecendo as memórias dos bombeiros militares”, descrevemos o procedimento metodológico que, com base em uma entrevista-piloto, foi analisado e ajustado para a realização das entrevistas seguintes, que foram as fontes para o trabalho. Assim, foi elaborado um roteiro norteador para a realização da coleta de informações.

Com os ajustes feitos, partimos para o campo para realizar as entrevistas. Foram seis participantes que compartilharam suas memórias sobre o Corpo de Bombeiros e suas carreiras. Os dois primeiros entrevistados foram indicados pelo presidente da Confraria do Fogo, e os demais pelos próprios participantes, ao longo das conversas.

O levantamento de categorias emergentes nas entrevistas é apresentado no capítulo “Uma instalação para o Museu dos Militares Mineiros”, no qual propomos uma instalação para uma sala desativada do equipamento cultural. Corpo, artefatos de trabalho, família e fatos marcantes da carreira foram temas que surgiram durante as entrevistas e serviram de base para a proposta da exposição. Em um contexto de renovação da expografia, a instalação poderá ser um recurso para o museu educar por meio da sensibilização, do olhar e da escuta.

Por fim, refletimos sobre os desdobramentos e os resultados deste trabalho e como ele poderá ser utilizado por outras instituições museológicas.

1

Os museus militares

Ao buscarmos uma definição de museu militar, percebemos que há uma série de instituições heterogêneas que se diferenciam em diversos aspectos, como de coleções, edifícios, gênese, gerência, e que são classificadas como tal. Para a pesquisadora portuguesa Mariana Teixeira (2011), o termo agrupa dois conceitos distintos: museu e militar, em que este último termo, internacionalmente, está ligado às Forças Armadas (Exército, Marinha e Aeronáutica). Utilizando-se das duas terminologias, André Kirouac (2009), diretor do Naval Museum of Quebec desde 1997, classifica os museus militares como instituições permanentes, sem fins lucrativos, que preservam, pesquisam, interpretam e exibem as evidências tangíveis e intangíveis da história militar, servindo à sociedade quanto à conscientização acerca do impacto das guerras. Devido à especificidade de suas coleções, internacionalmente, são museus localizados no âmbito dos museus históricos.

Esses museus conhecidos sob a égide “militar” tradicionalmente referem-se àquelas instituições museológicas que trazem como temática o universo militar. Sua especificidade está na natureza de seu acervo, formado por bens móveis e imóveis tidos como testemunhos da história militar de diferentes povos ou países. Nessa tipologia, no Brasil,

enquadram-se os espaços ligados às Forças Armadas (Exército, Marinha e Aeronáutica) e às Forças Auxiliares¹³ e de Reserva (Polícia Militar e Corpo de Bombeiros Militar).

Tendo em vista os comitês internacionais definidos pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM), os museus militares enquadram-se no Comitê Internacional para Museus e Coleções de Armas e História Militar (ICOMAM),¹⁴ criado em 1957 e que tem por objetivo o incentivo à pesquisa científica sobre armas, armaduras, documentos e objetos militares. O ICOMAM também se propõe a estimular os padrões profissionais de cuidados, gestão e conservação dessas coleções, de acordo com as diretrizes do ICOM.

Em todos os períodos históricos, a humanidade esteve envolvida em guerras e conflitos, que são tensões permanentes de organização de clãs, tribos ou estados nacionais, contudo, uma vez que a situação não é mais negociada do ponto de vista da diplomacia, podem acontecer declarações de guerra, momentos nos quais há a exaltação do poder militar. Então, em geral, os museus, as coleções e as exposições de artefatos militares integram as formas de comunicação desse poder militar para a manutenção da paz.

A exposição de materiais bélicos existe desde o período do Império Romano, com a exibição dos espólios de guerra, incluindo artefatos militares. Os objetos conquistados nas expedições militares e comerciais eram expostos em locais públicos com

13. Forças públicas estaduais, organizadas com base na hierarquia e na conduta militar.

14. Mais informações em: https://www.icom.org.br/?page_id=6.

o objetivo principalmente propagandístico (MATOS, Y.; MATTOS, I., 2010).

Já no período das Grandes Navegações, com as potências coloniais explorando territórios para além do Mar Mediterrâneo, houve um grande aumento de conflitos e guerras entre diferentes povos e culturas e, por consequência, a ampliação do efetivo das forças armadas, financiadas pela nobreza. Segundo Megan McCoy (2016), com o objetivo de mostrar o poder colonial, da nobreza e de seus exércitos, ao final das batalhas, os tesouros recolhidos em saques às terras estrangeiras eram exibidos nos palácios da realeza, como parte dos gabinetes de curiosidade.¹⁵

No fim do século XVIII e no início do XIX, armazéns de armas, conhecidos como arsenais, passaram a ser lugares de exibição de objetos que demonstravam as batalhas militares; uma espécie de hall of fame, sem espaço para problematizações e reflexões críticas da cultura militar, em que as expografias exaltavam os grandes confrontos e os feitos heroicos das corporações (MCCOY, 2016).

Com os conceitos de nação e nacionalismo que surgiram durante o século XIX, no mundo ocidental, os espaços de exposições militares passaram a comunicar o poder e as ideologias nacionais. O tamanho das salas e as condições de exposição foram ampliados para a melhor exibição de objetos militares, das máquinas de guerra, de maquetes de batalhas e atos heroicos que ajudavam a comunicar ao público os valores nacionais.

15. Com um acervo diversificado, os gabinetes de curiosidade eram organizados pelos nobres e pelos aventureiros. O acesso era restrito e guiado pelos próprios colecionadores (NASCIMENTO; VENTURA, 2001).

Os primeiros museus militares abertos à visitação pública foram criados na Europa, no século XIX (TEIXEIRA, 2011). Sob forte influência do pensamento iluminista, essas instituições tinham por objetivo coletar, colecionar e preservar testemunhos relacionados à história militar em seus diferentes contextos, além de servir para instrução e formação dos corpos militares.

Antes da Primeira Guerra Mundial, os armamentos e os uniformes eram produzidos de forma manufaturada, e, a partir da Primeira Guerra, com a introdução desses artefatos em escala industrial, a guerra tornou-se um trabalho de “homens comuns”. Se até então os combates eram financiados por nobres e ricos que mandavam confeccionar seus caros armamentos e uniformes, com a Primeira Guerra esse cenário foi alterado com a mudança da escala das forças armadas. Na visão de Megan McCoy (2016), isso fez com que o homem comum fosse inserido, de forma definitiva, no cenário das guerras. A produção de armas e uniformes em massa, bem como a dimensão da guerra, fez com que seus efeitos fossem sentidos de longe e em ampla escala, proporcionando uma mudança no entendimento humano de guerra e do seu significado para a sociedade. A necessidade tanto de uma identidade coletiva para dar sentido aos acontecimentos quanto de lugares para essas narrativas deu origem ao intenso período de memorialização e ao que hoje conhecemos como museus militares e de guerra (MCCOY, 2016).

Foi com a Primeira Guerra, última em que os conflitos ainda aconteciam no campo de batalha, que se percebeu a mudança das perspectivas de combates. O cotidiano das pessoas foi profundamente afetado pela guerra, que redimensionou o mundo ocidental. Enquanto isso, como consequência do grande número de armas e objetos militares sendo criados, as coleções dos museus militares começaram a crescer rapidamente. Assim, os estados nacionais começaram a desenvolver museus maiores, dedicados à história militar da nação (MCCOY, 2016).

Com a Segunda Guerra Mundial, o processo de proliferação dos museus militares teve um significativo aumento. Eram lugares dedicados às celebrações de vitórias e, ao mesmo tempo, memoriais dos sacrifícios e das perdas de vidas. Celebrações de dias importantes para os conflitos, como o Dia D, passaram a fazer parte da programação dos museus. Memorialização e comemorações tornaram-se atividades de turistas, e os campos de batalha transformaram-se em locais de culto à memória dos combatentes. Gerações que não vivenciaram de perto as guerras passaram a viajar para os campos de concentração e para os campos de batalha para testemunharem o passado e conhecerem representações das guerras que moldaram o mundo em que vivem.

Concebidos desde o início como espaços marcados por um forte viés romântico e patriótico, os museus militares se configuraram como verdadei-

ros lugares de reverência e exaltação das glórias passadas e dos grandes heróis, por meio da exibição de objetos tidos como relíquias e de discursos hegemônicos e totalizantes. Assim, em muitas das exposições desses equipamentos, não encontramos espaço para diálogo, reflexão ou posicionamento crítico, estando em evidência uma museologia tradicional, na qual há uma recitação de datas e batalhas em ordem cronológica e uma exaltação dos oficiais comandantes (MCCOY, 2016).

Todavia, nos últimos anos, podemos perceber uma aproximação dos museus militares à nova museologia e à sua perspectiva social. Segundo Teixeira (2011, p. 10), desde “a última década do século passado é possível constatar um reposicionamento, de grande parte destes museus, em relação à sociedade e, conseqüentemente, à sua afirmação como museus de história social”.

Essa consciência social nos museus militares pode ser percebida por meio da substituição das exposições cumulativas de militar, que ilustravam algum tipo de evolução cronológica, por exposições que procuram, a partir de problematizações, explicar as causas dos conflitos e seus contextos (histórico, político e ideológico). Ainda conforme Teixeira (2011, p. 10), os “museus tentam assumir-se como locais onde se examina, se explora o conhecimento, a memória e a história, recusando o papel de meros lugares de afirmação de autoridade cultural”.

No caso dos museus de tipologia militar existentes no Brasil, sua conformação teve como funda-

mento o modelo surgido na Europa. Segundo Marlene Suano (1986), o primeiro museu militar no país foi o Museu do Exército, o atual Museu Histórico do Exército e Forte de Copacabana,¹⁶ que tem suas origens no acervo variado das fortificações recolhido pelas corporações ao longo do período colonial. Essa coleção passou por vários endereços da cidade do Rio de Janeiro, até se instalar, em 1987, no Forte de Copacabana. De maneira geral, esses espaços, dedicados ao acervo militar, foram ampliados ao longo do século XX, em sua maioria, vinculados a instituições militares e por elas administrados. Em geral constituem parte integrante das diretorias de patrimônio histórico e documentação, compondo um cenário de centros culturais e espaços de memória das forças militares. Contam com acervos heterogêneos e centram sua prática museológica na conservação e na exposição sequencial temporal de objetos, a partir de uma abordagem estatizante desses itens.

Seguem, pois, a proposta de Gustavo Barroso (1888-1959), escritor e político brasileiro, fundador e diretor do Museu Nacional em 1922, que publicou, em 1911, um artigo no *Jornal do Commercio*, intitulado “Museu Militar”, dissertando sobre a necessidade de um museu nacional, no qual os objetos de soldados e heróis, como espadas, lanças e canhões, fossem preservados e expostos. Ele afirmava que todas as nações tinham seus museus militares, assim guardando as tradições bélicas de sua história, documentando os progressos dos armamentos e cultuando as glórias do passado (SANTOS, 2002).

16. Ver mais em: <http://www.mhexfc.eb.mil.br/pt-br/historico.html>.

A narrativa expográfica desses museus é geralmente marcada pelo tom de celebração, por meio de uma abordagem cronológica e factual da história, pautada no culto a determinados personagens e grandes feitos de um passado idealizado e retomado a partir dos indícios da cultura material em exposição.

Os museus militares brasileiros estão sob a tutela do Exército, da Marinha, da Aeronáutica e de algumas Polícias Militares e Corpos de Bombeiros. Contudo, é interessante notar que, ao pesquisar na plataforma Museusbr¹⁷ – rede nacional de identificação de museus –, temos dificuldade de encontrar esses museus. A pesquisa por “museu militar” tem como resultado¹⁸ museus cujo acervo representa objetos que fazem referência aos militares, como armas, insígnias e uniformes.

Especificamente sobre os museus dedicados aos Corpos de Bombeiros, após entrar em contato¹⁹ com as corporações de cada estado brasileiro, identificamos que: o Corpo de Bombeiros do Paraná começou um processo de construção de seu museu; o de Pernambuco possui uma Sala Memorial, onde há alguns objetos e documentos desde o início do século XX; o do Mato Grosso do Sul teve um projeto de documentação, mas sem prosseguimento; o de Sergipe criou uma comissão com o objetivo de constituir um Centro de Memória para o ano de 2020; o do estado de São Paulo possui um museu inaugurado em 2005; e o do estado do Rio de Janeiro possui um museu localizado em seu Quartel

17. Cf.: <http://museus.cultura.gov.br/>.

18. A pesquisa pelo termo “militar” na plataforma Museusbr aponta como resultados os seguintes museus: Museu Histórico de Pacatuba, no Ceará; Museu da Abolição, em Pernambuco; Museu das Bandeiras, em Goiás; Museu Municipal do Cavalo de Colina e Museu dos Esportes, em São Paulo; Museu Forte Defensor Perpétuo, em Paraty; Museu do Diamante, em Minas Gerais; Museu Imperial, no Rio de Janeiro; Museu de Arte Religiosa e Tradicional, em Cabo Frio; Museu Raymundo Ottoni de Castro Maya, Museu da República, Museu Histórico Nacional e Museu do Açude, no Rio de Janeiro.

19. Levantamento realizado por meio de contato telefônico e e-mail ao longo do mês de março de 2019.

Central. Em um modelo até então inédito no Brasil, onde os museus militares são gerenciados pelas instituições militares, o CBMMG, juntamente com a PMMG, tem seu acervo sob guarda do MMM, pertencente ao quadro da Secretaria de Cultura de Minas Gerais.

O Museu dos Militares Mineiros

O Museu dos Militares Mineiros foi inaugurado em março de 2014 e está instalado na Rua dos Aimorés, n. 698, no bairro Funcionários, em Belo Horizonte, no prédio anteriormente ocupado pelo Tribunal de Justiça Militar de Minas Gerais (TJMMG).

Na Figura 2, apresentamos uma foto da fachada principal do edifício. O museu, concebido pela SEC-MG em parceria com a PMMG e o CBMMG, tem por missão:

Potencializar a interação entre comunidade militar e sociedade civil, com ênfase na história e memória da Polícia Militar de Minas Gerais – PMMG e do Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais – CBMMG por meio da preservação, pesquisa e comunicação dos bens culturais sob guarda do Museu (PLANO MUSEOLÓGICO, 2014, p. 9)

Instalado em uma edificação construída no princípio do século XX e tombada pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, o espaço passou, em 2013, por algumas adequações arquitetônicas

para a inauguração do MMM, com pequenas obras de iluminação, mobiliário, pintura, entre outras, mantendo, assim, a organização interna das salas. A exposição de abertura foi inicialmente pensada como uma proposta temporária, que passaria por adequações. Todavia, em virtude das limitações orçamentárias, no decorrer do processo, as obras complementares de acessibilidade, climatização e alteração da área externa não aconteceram.

Figura 2 – Fachada do Museu dos Militares Mineiros.



Fonte: Museu dos Militares Mineiros/Diretoria de Museus/ Secretaria de Estado de Cultura e Turismo de Minas Gerais.

Foto por Israel Crispim.

O prédio tem três pavimentos, nos quais estão distribuídas 13 salas expositivas, um espaço multiuso, uma sala de estudos, uma sala do educativo, uma reserva técnica, uma área administrativa e uma externa. Atualmente, os espaços se configuram da seguinte maneira:

Primeiro pavimento (áreas de uso público):

- Recepção e guarda-volumes.
- Banheiros: feminino e masculino.
- Corredor: mural de fotos 3x4 dos policiais militares que se encontravam na ativa até a inauguração do MMM.
- Sala 1 – História: era composta por uma linha do tempo interativa e por vídeos que narravam a história das duas corporações sob a perspectiva da profissionalização e da especialização das instituições. A sala foi desativada devido a infiltrações que comprometeram os equipamentos eletrônicos.
- Sala 2 – Colecionador: coleção de armas de fogo e espadas. Devido à origem do acervo, de doações pessoais, nem todos os artefatos da sala foram utilizados pelas instituições militares. Alguns eram de uso exclusivamente pessoal.
- Sala 3 – Patronos e comandantes: homenagem aos patronos da PMMG e do CBMMG (com exposição de documentos assinados por eles e vídeos que explicam o porquê de serem

os patronos), Tiradentes e Dom Pedro II, respectivamente. Há também uma lista de todos os comandantes-gerais até o ano de 2014 e a exposição de alguns tipos de fardas²⁰ utilizadas por eles.

- Salas 4 e 5 – Banda do CBMMG e da PMMG: exposição de instrumentos musicais utilizados pelas agremiações das corporações²¹ e atividades interativas para os visitantes.
- Sala 6 – Região Integrada de Segurança Pública: a partir de um mapa interativo, era possível verificar estatísticas militares das 18 Regiões Integradas de Segurança Pública (RISP) que existiam à época da inauguração do MMM. A sala foi desativada por falta de manutenção nos equipamentos tecnológicos.
- Sala 7 – Homenagem: por meio de reportagens sobre grandes ocorrências, que eram exibidas na parede de espelhos, para que o visitante tivesse a sensação de estar dentro da situação mostrada, era exposta a função das corporações na sociedade. A sala foi desativada por falta de manutenção nos equipamentos tecnológicos.
- Sala 8 – Uniformes militares: exibição de vestimentas, insígnias, condecorações e equipamentos individuais de proteção (EPIs), veja a Figura 3.

20. Uniformes usados pelas forças militares, paramilitares e policiais, que surgiram pela necessidade de identificação dos combatentes durante a batalha.

21. O CBMMG possui dois grupos musicais: a Banda Sinfônica do Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais e a Bombeiro Instrumental Orquestra Show (BIOS). Na PMMG, há a Banda de Música da Polícia Militar de Minas Gerais, a Orquestra Sinfônica da Polícia Militar de Minas Gerais e a Academia Musical Orquestra Show (AMOS).

Figura 3 – Sala de Uniformes



Fonte: Museu dos Militares Mineiros/Diretoria de Museus/ Secretaria de Estado de Cultura e Turismo de Minas Gerais.

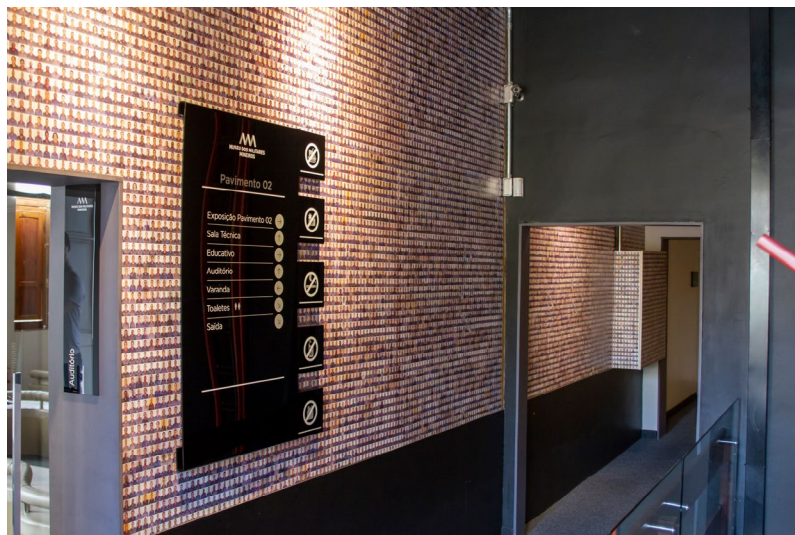
Foto por Israel Crispim.

Segundo pavimento (áreas de uso público e interno):

- Escada de acesso ao segundo andar: exposição de algumas escadas utilizadas pelo CBMMG e instalação artística com escadas cenográficas.
- Corredor: mural de fotos 3x4 dos bombeiros militares da ativa até a inauguração do MMM e exibição de extintores de incêndio de diversas décadas, a partir de 1950 (cf. Figura 4).
- Sala 9 – Sala de Estudos: composta por bibliografia referente a temas militares.

- Sala 10 – Meio Ambiente: espaço onde havia jogos eletrônicos que tinham por objetivo a utilização de dicas de prevenção recebidas durante a visita ao MMM. Porém, como os recursos tecnológicos sofreram avarias, em 2018, houve modificações na expografia, que passou a ser dedicada aos serviços das corporações relativos à preservação do meio ambiente.
- Sala 11 – Prevenção e combate ao incêndio: exposição de equipamentos utilizados pelo CBMMG no trabalho de prevenção e combate a incêndios.
- Sala 12 – Mulheres na corporação: mostra de objetos e fotos que fazem referência à incorporação feminina nas instituições.
- Sala 13 – Depoimentos: exibição de uma videoinstalação com depoimentos de civis que foram atendidos pelas corporações. Também há um espaço onde os visitantes podem deixar bilhetes para os militares.
- Auditório: espaço multiuso utilizado em palestras, aulas e outras programações.
- Área administrativa.
- Sala do Educativo: espaço para a realização de oficinas.

Figura 4 – Corredor do segundo pavimento



Fonte: Museu dos Militares Mineiros/Diretoria de Museus/ Secretaria de Estado de Cultura e Turismo de Minas Gerais.

Foto por Israel Crispim.

Subsolo e área externa (áreas de uso público e interno):

- Salas para administração, mas que não são utilizadas.
- Sala de segurança (videomonitoramento).
- Copa.
- Banheiro unissex.
- Sala de reuniões, que, desde 2017, também se configurou como sala de exposição temporária.
- Reserva técnica.
- Depósitos de materiais.

- Garagem, que foi utilizada como espaço expositivo e recebeu, em maio de 2016, a exposição temporária do CBMMG “Paisagens que transformam: um olhar em busca de vida”.²² Após a exposição, a garagem tornou-se um espaço expositivo de viaturas do CBMMG.

O Plano Museológico (2014) do MMM prevê uma estrutura composta por: coordenação; comunicação museológica, na qual estão inseridos os programas de expografia e educativo; pesquisa; salvaguarda, composta pelos programas de documentação e conservação; comunicação; e setor administrativo (receptivo, segurança, limpeza e apoio administrativo).

Todavia, até o momento, o MMM não contou com a estrutura prevista em seu Plano Museológico. Hoje, o museu tem seu setor administrativo composto por receptivo, segurança, limpeza e apoio administrativo. A coordenação é feita por um servidor cedido pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA), em conjunto com a SUMAV e o Conselho Gestor. O setor educativo enfrenta uma grande rotatividade de estagiários e no momento é composto por dois graduandos em história.

Segundo a pesquisadora Soraia Dutra (2012), questões orçamentárias e problemas de infraestrutura e de pessoal são dilemas enfrentados pelos profissionais que atuam nos museus, realidade também encontrada no MMM desde sua inauguração, em 2014, pois tem encarado diversas dificulda-

22. Exposição sobre o trabalho do CBMMG no rompimento da barragem da Samarco em Bento Rodrigues, em Mariana (MG).

des. Em geral, a debilidade do quadro de técnicos e a rotatividade de estagiários desafiam a criatividade e as inventividades dos sujeitos envolvidos na administração dos museus.

Mesmo diante das dificuldades orçamentárias e de funcionários, o MMM recebe visitas agendadas de grupos, principalmente escolares, além das visitas espontâneas.

O Museu dos Militares Mineiros como lugar de memória

O tempo contemporâneo tem provocado o que Pierre Nora (1993) classifica como aceleração da história, do tempo e dos processos sociais. Paradoxalmente, esse fenômeno traz um risco de amnésia, de perda de memória, aquela que nos confere sensação de pertencimento, continuidade, identificação e diferenciação (LE GOFF, 1992). Esse paradoxo cria uma nostalgia em relação ao passado, causando um boom da memória, gerando a proliferação dos lugares de memória, ou seja, espaços capazes de evocar lembranças.

A memória é um termo que abrange diversos significados e áreas do saber, sendo conceituada de acordo com o contexto histórico, o campo do conhecimento e o teórico que a estuda. As ciências sociais, a psicologia, a história, as neurociências e a filosofia são exemplos de áreas que constantemente trabalham acerca da memória.

De deusa mitológica ao mecanismo de armazenamento de dados, muitos são os conceitos que envolvem a terminologia da memória. Como propriedade que conserva certas informações, a memória nos remete a um conjunto de funções psíquicas por meio das quais o homem pode atualizar impressões ou informações do passado, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 1992). A socióloga Elizabeth Jelin (2002) define a memória como faculdade psíquica com que se recorda. Ao agrupar e sintetizar os conceitos e as ideias sobre o termo, Fernando Linhares (2019) destaca que a memória faz parte de um processo cognitivo social e que é ativada pelo ato de lembrar, intermediada pelo contexto social e cultural. Logo, podemos entender que a memória é a construção do passado baseada em emoções e é sempre evocada a partir das necessidades do presente (FERREIRA, 2002). Sua elaboração acontece no tempo presente, para responder a solicitações do passado (MENESES, 2000).

Assim, em um contexto de aceleração do tempo, que cria o movimento de boom da memória, de preocupação com os lugares que ativam as lembranças, há uma grande propagação dos museus, que são, por vocação, lugares de memória. Dessa forma, surgem instituições museológicas das mais variadas tipologias e características. São espaços que passam a se dedicar às memórias de vários grupos, sujeitos e temporalidades.

Seguindo as mudanças da sociedade, essas instituições passam por mudanças estruturais. Das

narrativas dos grandes momentos históricos, dos heróis nacionais, das grandes coleções, os museus passam a dar espaço também ao local, às histórias de grupos variados. De lugares rígidos, de silêncios, de contemplações, de templos sagrados, eles passam a ser espaços de problematizações, de questionamentos, de educação do olhar, lugares onde a cultura se ressignifica. Os museus, hoje, são organizações de caráter multifacetário e mimético com três funções básicas: preservação, investigação e comunicação de bens materiais (CHAGAS, 1994).

Nesse movimento de propagação e mudanças dos museus, também há espaço para os museus institucionais. A chamada febre de memória, que caracteriza nossa sociedade, parece também ter atingido o universo corporativo. Nos últimos anos, observamos a criação de diversos museus ligados às empresas e ao mundo do trabalho. Apesar de terem origens e funções sociais diferentes, esses museus têm uma missão pedagógica de transmissão da cultura da instituição, além de preservação da memória e do patrimônio (NASCIMENTO; VENTURA, 2001).

Cada vez mais empresas têm investido em projetos de pesquisa sobre a sua história, muitas vezes criando museus e arquivos com acervos próprios, publicando livros e organizando programas de memória oral, entrevistando profissionais que atuam ou atuaram no seu interior (RIBEIRO; BARBOSA, 2007, p. 100).

Para as professoras Ana Paula Goulart Ribeiro e Marialva Barbosa (2007), essas instituições buscam, a partir da sistematização de uma história e de uma memória, legitimar-se por meio da identidade institucional.

As empresas procuram, no passado, elementos que possam servir como referência comum para manter a coesão interna. Com isso, formam-se quadros de representação simbólica que funcionam como bases de identificação e de coerência no tempo para seus executivos e funcionários. Mas o passado também fornece referências externas, que permitem às empresas se autorreferenciar e construir uma imagem de si mesmas, procurando através dela se legitimarem (RIBEIRO; BARBOSA, 2007, p. 106).

Nesse contexto de fortalecimento institucional e de preservação histórica foi inaugurado, em 2014, o MMM, instituição museológica dedicada à PMMG e ao CBMMG.

Com 112 anos de existência, ainda é incipiente o conhecimento acerca da história e da trajetória dos membros do CBMMG. Os primeiros passos na construção da narrativa histórica e na elucidação de fatos do passado institucional foram dados com a publicação do livro *Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais: cem anos de história e reflexão*²³ e com a inauguração do MMM. No entanto, o caminho para a visibilização e o conhecimento da história do Corpo de Bombeiros requer ações capazes de nar-

23. MARÇAL; AQUINO. *Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais: cem anos de história e reflexão (1911-2011)*, 2013.

rar a instituição para além da oficialidade de seus documentos, alcançando a dinâmica do cotidiano e da vivência diária dos bombeiros militares.

Nesse sentido, é preciso reconhecer que toda instituição é formada pelos sujeitos que dela fazem parte. Tendo em vista que a historiografia, a partir dos Annales,²⁴ tem alargado seus objetos de estudo e, assim, considerando que todo indivíduo é um sujeito histórico, bem como defendido que “uma das maneiras possíveis pelas quais a nossa sociedade responde aos apelos de memória e à dissolução do passado” (PEREIRA; CARVALHO, 2010, p. 393) é por meio dos museus, o MMM, como lugar de memória e museu institucional, pode ser um espaço para o conhecimento e a valorização dos sujeitos que fizeram parte do passado dessa instituição.

24. A Escola de Annales foi um movimento intelectual que surgiu na França, na década de 1920, e teve grande influência no desenvolvimento da historiografia moderna. Fundada pelos historiadores Lucien Febvre e Marc Bloch, a Escola de Annales propôs uma abordagem interdisciplinar da história, que buscava compreender as transformações sociais, culturais e econômicas a longo prazo. Ao contrário da historiografia tradicional, que se concentrava em fatos políticos e em grandes personalidades históricas, os annales defendiam que a história deveria ser vista como um processo complexo, resultante da interação de vários sujeitos e múltiplos fatores.

O Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais

Bombeiro, guerreiro,
valente, vibrador

Salvando e protegendo,
realçando o seu valor

No fogo, na água, na terra
e no ar

Sempre forte e destemido,
pela vida a lutar!

*Canção de treinamento de
bombeiros militares*

A organização da maioria das corporações de bombeiros no mundo se deu em resposta a grandes ocorrências históricas (GALLUZZI, 2018). Assim, a história do Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais está diretamente relacionada aos primeiros anos de Belo Horizonte. Durante as obras de construção da primeira cidade planejada do Brasil, surgiram avisos e advertências sobre possíveis vulnerabilidades e riscos de incêndios a que a organização urbana estava exposta. Apenas quatro meses após a inauguração da nova capital mineira, houve registro de seu primeiro incêndio.

Tal como fora previsto, quatro meses após sua inauguração oficial, a nova capital registrou seu primeiro incêndio, curiosamente no local destinado a abrigar a força policial, mais especificamente no Quartel da Brigada Policial. Localizado cerca de dois quilômetros, equidistante do eixo principal do centro urbano, aquele quartel incendiou-se aos seis dias do mês de abril de 1898. Naquele evento, os trabalhos de combate às chamas funcionaram de forma rudimentar. Contou-se, apenas, com a coragem de militares da Brigada Policial e de alguns moradores, além de duas bombas manuais de combate a incêndios. Como era de se esperar, houve considerável prejuízo financeiro e, por conseguinte, atraso na conclusão da obra ainda inacabada do belo edifício que viria a abrigar o quartel (MARÇAL; AQUINO, 2013, p. 22).

Após inúmeros incidentes e várias discussões acerca da necessidade de criação de um serviço de combate a incêndio, 13 anos depois da inauguração de Belo Horizonte, em 31 de agosto de 1911, por meio da Lei nº 557, estava, então, autorizada a criação de uma Seção de Bombeiros, aproveitando o pessoal da Guarda Civil.²⁵ Nos termos do Artigo 12 dessa lei: “Fica igualmente o governo autorizado a despender até vinte contos de réis com a organização de uma secção de bombeiros, aproveitando para esse fim o pessoal necessário da Guarda Civil”.

25. Fazia o papel de polícia ostensiva com rondas pela cidade. Eram os guardas civis em suas atividades de policiamento pelas ruas que se deparavam com situações de emergência e tomavam providências.

Dessa maneira, 11 guardas civis, em maio de 1912, foram até o Rio de Janeiro,²⁶ sede do primeiro Corpo de Bombeiros brasileiro e capital do Brasil, para receberem treinamento e capacitação a fim de tornarem-se bombeiros. Todavia, ao retornarem à capital mineira, os guardas civis não desenvolveram sua função de bombeiros. Foi só em 1913, dessa vez com 15 militares da Força Pública,²⁷ que o serviço de combate a incêndio na capital mineira foi realmente efetivado.

Logo após o término dos treinamentos no Rio de Janeiro, os onze guardas estavam prontos para exercerem as funções de bombeiros, fato que não se consolidou oficialmente. Eles voltaram às suas antigas funções de guardas civis e não puderam desempenhar de imediato o serviço de bombeiros, tendo em vista duas situações: não havia ainda sido organizada a Seção de Bombeiros e, além disso, a partir de outubro daquele mesmo ano, quinze novos alunos, desta vez retirados da Força Pública de Minas Gerais, partiram, a exemplo dos onze guardas, para treinarem no Rio, com objetivo de se tornarem bombeiros (MARÇAL; AQUINO, 2013, p. 28).

A Força Pública desempenhava o papel de exército estadual. Ser militar da Força Pública significava estar preparado e pronto para qualquer ação de cunho militar, inclusive conflitos armados.²⁸ Mesmo com missão específica, os bombeiros pertencentes ao quadro da Força Pública eram empenhados em ações militares que estavam além de suas

26. Por meio do Decreto Imperial 1775, de 02 de julho de 1856, Dom Pedro II autorizou a criação do primeiro Corpo de Bombeiros do país, no Rio de Janeiro, capital do Império Brasileiro. Tal ato fez do imperador patrono de todos os corpos de bombeiros brasileiros.

27. Força militar estadual, auxiliar do Exército que deu origem à PMMG.

28. Como foi o caso das participações nas revoluções de 1924, 1930 e 1932.

atividades. Esse fato lhes conferiu características híbridas entre serem bombeiros e serem policiais. Assim, a opção pela efetivação do serviço de bombeiros dentro da Força Pública explica o caráter militar da corporação.

Os primeiros anos da trajetória do Corpo de Bombeiros em Belo Horizonte tiveram inúmeros óbices: falta de equipamentos, dificuldade de acionamento dos bombeiros, pouco efetivo e, principalmente, a falta d'água na cidade. Aos poucos, as dificuldades foram sendo superadas e, em 1930, foi criado mais um pelotão da Companhia de Sapadores Bombeiros, na cidade de Juiz de Fora, representando o início da expansão do serviço de bombeiros pelo estado de Minas Gerais, que foi intensificado a partir da década de 1960.

Ao longo do tempo, os bombeiros de Minas Gerais receberam diversas nomenclaturas,²⁹ e estiveram ligados a outras instituições ou então, em momentos autônomos, foram diversificando suas áreas de atuação. No ano de 1999, após o movimento grevista de junho de 1997, que reivindicava maiores salários, melhores condições de trabalho e reformas no regulamento interno da corporação, por meio da Emenda à Constituição nº 39,³⁰ houve a desvinculação da PMMG, e a corporação passou a ser denominada Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais.

Após o movimento reivindicatório, foram abertos procedimentos administrativos e penais militares contra os manifestantes. O comando da PMMG

29. Seção de Bombeiros (1911-1912); Companhia de Bombeiros (1912-1915); Seção de Bombeiros (1915-1926); Companhia de Sapadores Bombeiros (1926-1931); Corpo de Bombeiros da Força Pública de Minas Gerais (1931-1934); Corpo de Bombeiros de Minas Gerais (1934-1966); Corpo de Bombeiros da Polícia Militar de Minas Gerais (1966-1999); e Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais (1999 aos dias atuais).

30. A Emenda à Constituição nº 39, de 02 de junho de 1999, alterou a redação dos Artigos 39, 61, 66, 90, 106, 110, 111, 136, 137, 142 e 143 da Constituição do Estado de Minas Gerais, promovendo a desvinculação do Corpo de Bombeiros da Polícia Militar.

instaurou um Inquérito Policial Militar para apurar a participação dos militares. Os autos foram entregues à Justiça Militar Estadual. O Ministério Público não indiciou os policiais militares.

A transgressão disciplinar é geralmente prevista como os atos contrários à boa ordem ou aos regulamentos militares, não previstos como nas leis penais. Crime militar é, pois, a violação do dever militar, definida e prevista na Legislação Penal Militar. Questionou-se, a partir desses princípios, a aplicação da pena administrativa capital (exclusão disciplinar) a mais de uma centena de policiais militares. Alegou-se, à época, que tais exclusões eram atos de discriminação, perseguição e vingança de oficiais administradores (ALMEIDA, 2007, p. 62).

Com o fim do movimento reivindicatório, surgiu o movimento “Anistia já para os PMs”. Entretanto, o governador à época, Eduardo Azeredo, optou por não invalidar a decisão da PMMG.

Com a eleição do governador seguinte, Itamar Franco, foi dada a anistia, por meio da criação do CBMMG.

Com a eleição para governador do Estado, na qual Itamar Franco saiu vitorioso, derrotando Eduardo Azeredo, que buscava a reeleição, foi dada a anistia aos praças da PM. Na realidade, o novo governo não deu anistia plena e, sim, propôs uma aposentadoria precoce. Os praças não retornaram à Polícia Militar com a anistia.

Criou-se o artifício de enquadrá-los no Corpo de Bombeiros, que foi separado da PMMG (ALMEIDA, 2007, p. 62).

Atualmente, a corporação serve à sociedade mineira com atividades de coordenação e execução de ações de defesa civil, prevenção e combate a incêndio, busca e salvamento e estabelecimento de normas relativas à segurança das pessoas e de seus bens contra incêndio ou qualquer tipo de catástrofe.³¹

31. Mais informações em: www.bombeiros.mg.gov.br.

2

Conhecendo as memórias dos bombeiros militares

É do presente que parte o
chamado

ao qual a lembrança
responde.

Henri Bergson

Quando definimos que nosso trabalho seria valorizar as memórias desconhecidas dos bombeiros militares mineiros sobre seu ofício, com o objetivo de propor uma alteração na expografia do MMM, nos lembramos do filme de Jocelyn Moorhouse, lançado em 1995, *Colcha de retalhos*. O longa-metragem narra vivências de um grupo de mulheres que se reúnem anualmente para confeccionar uma colcha de retalhos. Cada uma delas borda um pedaço de pano que faz referência a algum episódio de sua vida. À medida que as lembranças vão surgindo, elas vão sendo relatadas. Ao final, essas mulheres unem todos esses pedaços de pano, cheios de lembranças, cheios de histórias, formando uma colcha.

Procurando outras referências de trabalhos de narrativas pessoais que pudessem, de alguma for-

ma, servir de exemplo, de modelo para este livro, revisitamos *Memória e sociedade: história de velhos* (BOSI, 1993) e *O coração do lugar: depoimentos para Guimarães Rosa* (DARDOT; ALMADA, 2006). O primeiro livro é um trabalho da psicologia social, resultado da tese de livre-docência de Ecléa Bosi, e apresenta uma reflexão feita a partir de entrevistas com oito idosos, com mais de 70 anos, que viveram em São Paulo desde a infância. Dessa forma, a história da cidade é revisitada por meio da memória de sujeitos que a conhecem desde criança. O segundo livro é fruto de um trabalho realizado com moradores da cidade de Cordisburgo. A partir da realização de entrevistas, é construída uma relação entre a realidade vivida por essas pessoas e a obra literária roseana, por meio do agrupamento de memórias individuais e coletivas, tendo como referência o acervo de cartas escritas por João Guimarães Rosa, pertencentes ao Museu Casa de Guimarães Rosa.

Tanto o filme quanto os livros serviram de inspiração para a realização da coleta de dados para o trabalho, que tem suas especificidades. Assim, nos inspiramos na história oral, que, segundo as historiadoras Júlia Silveira Matos e Adriana Kivanski de Senna (2011), é um método baseado na memória humana e em sua capacidade de rememorar o passado enquanto testemunho vivo. Ecléa Bosi (1993) afirma que, para o pesquisador que trabalha com a história do presente, é uma felicidade poder contar com tal método, que se ampara em testemunhos vivos.

A prática narrativa sempre fez parte do processo de reconstrução do passado pelos povos. Podemos considerar que no ocidente a história oral, como instrumento de recuperação de testemunhos orais, tem suas origens na antiguidade grega, embora outros povos possam ter buscado formas de examinar esses relatos. Segundo os professores David Celetti e Elisabetta Novello (2006), ao discorrerem sobre o uso de fontes orais em pesquisas, uma vez escolhido o objeto da investigação, é necessário identificar as pessoas que mantêm a memória desse evento ou daquele momento histórico particular, buscando, na medida do possível, dar voz, acima de tudo, àqueles que não tiveram outros canais para registro de suas opiniões, relatos, memórias. Assim, as fontes orais podem ser utilizadas para uma série de tópicos, como a história da família, do trabalho, de movimentos políticos etc. Caberá ao pesquisador avaliar, com base no tema escolhido e na perspectiva que ele deseja investigar, quais são as memórias destacadas para o trabalho, pois, como aponta Verena Alberti (1990), esse é um método baseado na realização de entrevistas com pessoas que participaram ou testemunharam determinados acontecimentos. Para que a declaração possa ser utilizada como fonte, é necessária a autorização do participante, e, geralmente, a organização dos dados é realizada a partir de perguntas estimuladas que norteiam o depoimento (PARREIRAS; NASCIMENTO; JARDIM, 2017).

A partir de meados do século XX, essa metodologia foi potencializada no estudo da história do tempo presente.

Muitos historiadores passaram a compreender a importância da história do tempo presente, para a qual as fontes orais são essenciais. Portanto, estruturou-se uma metodologia e uma organização teórica dentro do que passou a se chamar de história oral (MATOS; SENNA, 2011, p. 99).

Cabe ressaltar que, na entrevista, nem sempre o que o pesquisador quer saber coincide com o que as pessoas querem contar. Assim, as perspectivas podem sofrer alterações.

Além disso, a agenda da pesquisa pode ser radicalmente transformada pela reunião e pode acontecer a ampliação do escopo da pesquisa ou até mesmo se transformarem a óptica e o ponto de vista após os contatos realizados com os narradores (CELETTI; NOVELLO, 2006, p. 16. Tradução nossa).

As entrevistas que buscam conhecer as histórias de vida, as experiências do entrevistado, são pautadas em memória autobiográfica ou em narrativas dos participantes. Segundo Fernando Linhares (2019), esse tipo de memória envolve uma elevada carga emocional e diz respeito a acontecimentos de relevância pessoal, que são comumente associados à história de vida da pessoa, por meio

de relações com passado, presente e futuro. Esse tipo de memória pode ajudar a desvendar incógnitas sobre a identidade e subjetividade.

As memórias podem ser geradas ou lembradas de forma relativamente fácil por um processo de recuperação direta, mas, conforme já foi explicitado, uma memória vai se construindo durante o ato de lembrar, pelas interações entre a base de conhecimento autobiográfico ativada e o sistema do “eu trabalhando”, o que pode facilitar ou inibir a recordação, dependendo da compatibilidade do objetivo. Algumas experiências são tão vívidas (positiva ou negativamente) que podem ser codificadas de maneira a torná-las especialmente disponíveis no processo de construção, e mais resistentes ao esquecimento do que outras memórias (LINHARES, 2019, p. 96).

Tal narrativa, construída no chão social, é repleta de meandros e significados e, por isso, deve seguir alguns procedimentos. Uma vez definidos os principais tópicos da entrevista, é aconselhada a elaboração de perguntas específicas para cada tema, que serão um guia para a realização da entrevista. Segundo Tourtier-Bonazzi (1998), as entrevistas devem seguir um roteiro prévio, sendo conduzidas por equipe técnica capacitada. “Nesse tipo de entrevista, o interesse do entrevistador tem que se manifestar, muitas vezes, a partir de perguntas que animam o narrador, criando e recriando a interlocação, sem a qual a narrativa pode estancar”

(WHITAKER, 2000, p. 150). Além disso, o local da realização das entrevistas deve ser tranquilo, onde o entrevistado sinta-se à vontade.

A entrevista dirigida prende a testemunha num questionário preestabelecido. A não-dirigida pode fazer com que a testemunha se afaste do tema. A mais indicada é a semidirigida, é um meio-termo entre a fala única da testemunha e o interrogatório direto (MATOS; SENNA, 2011, p. 104).

A entrevista semidirigida, ou conversa guiada, parte de um roteiro preestabelecido que funciona como um lembrete ou guia para a conversa. Dessa maneira, é necessário que o entrevistador tenha algum conhecimento sobre o tema, permitindo uma conversa fluida. A existência do roteiro não obriga seu prosseguimento exato. De acordo com o andamento da conversa, podem ser feitas adaptações aos tempos e aos caminhos seguidos.

Os materiais coletados no processo devem ser armazenados, para que, caso seja necessário ou alguém queira, seja realizada a conferência dos dados, diretamente na fonte. Por outro lado, os estudiosos sobre fontes orais ainda discutem sobre a necessidade ou não da realização de transcrição de cada entrevista, uma vez que, na verdade, ela não é a fonte da pesquisa.

A “fonte oral”, por definição, coincide com a gravação de áudio ou vídeo da entrevista. A transcrição da entrevista não é uma fonte oral, mas simplesmente uma

ferramenta útil, às vezes a única disponível para o pesquisador, para melhor examinar a fonte oral e usar seu conteúdo na forma escrita (CELETTI; NOVELLO, 2006, p. 27. Tradução nossa).

Caso realize a transcrição total ou parcial das entrevistas para posterior análise, o pesquisador deverá, então, respeitar a fala do entrevistado e preservar a comunicação oral.

É evidente que a sintaxe de qualquer discurso deve ser respeitada para que uma transcrição seja fidedigna. Assim, se o falante comete erros de concordância ou de regência de verbos, por exemplo, deve-se reproduzi-los em qualquer transcrição. Até porque a norma culta da língua é por vezes desrespeitada mesmo nos grupos que se consideram eruditos. Transcrever erros de sintaxe não configura, portanto, falta de respeito em relação à fala do outro. Falta de respeito seria corrigi-los (WHITAKER, 2000, p. 155).

Para a análise do material coletado, o pesquisador necessita dar significado às entrelinhas das falas e dialogar com o contexto, com a totalidade histórica à qual pertence o narrador. Dulce Whitaker (2000) afirma que cada pausa, cada tema que é repetido, cada palavra com frequência em um determinado momento, cada interrupção, tudo isso tem um significado para o qual o pesquisador precisa ter sensibilidade. Essas são pistas que revelam um contexto, uma reconstrução cultural.

Destacamos que a fonte oral, no contexto do desenvolvimento de uma expografia, é uma ferramenta para a construção da narrativa expográfica, e não a produção historiográfica documental. Portanto, não há aqui a pretensão de desenvolver uma pesquisa narrativa, autobiográfica ou de cunho historiográfico. A abordagem da produção oral obtida se aproxima mais de uma entrevista, que, como Nascimento e Almeida (2009) destacam, envolve sujeitos sócio-históricos em interação e tem por objetivo a compreensão dos sentidos e dos significados atribuídos pelos depoentes por meio da fala.

As entrevistas com os membros da Confraria do Fogo

Buscando conhecer as memórias daqueles que já fizeram parte do CBMMG e descortinar narrativas que estão para além dos documentos oficiais e dos registros sobre a história da instituição, obtivemos depoimento de seis integrantes da Confraria do Fogo,³² grupo formado por bombeiros militares reformados e da reserva. A Confraria tem por objetivo manter a tradição e a história da corporação.

A primeira etapa para a realização da pesquisa com os membros da Confraria do Fogo foi a elaboração de um roteiro de entrevista com questões orientadoras da narrativa, composto de duas partes. A primeira parte continha questões sobre a

32. Em 2011 esses militares se organizaram juridicamente e, a partir de 2015, começaram a cadastrar os integrantes. Hoje, são cerca de 100 membros. O integrante mais velho tem 82 anos e o mais novo tem 45 anos.

trajetória pessoal do entrevistado, sendo dividida em três temas: carreira militar, formação e atuação profissional. Já a segunda parte dizia respeito às ocorrências marcantes, com destaque para os objetos que se encontram no museu e que foram essenciais para o cumprimento da missão. A pesquisa seguiu todos os trâmites éticos³³ previstos, com a autorização dos participantes da utilização de seus nomes,³⁴ imagens e vozes. Relatamos a seguir o processo de construção do roteiro de entrevista e análise que se inicia com uma entrevista-piloto.

A entrevista-piloto

No dia 09 de abril de 2019, às 9h, na sala da TV Bombeiro, na Cidade Administrativa de Minas Gerais (CAMG), realizamos a primeira entrevista, como forma de testar a metodologia, com um membro da Confraria do Fogo, indicado pelo presidente da instituição. Wanderson Cordeiro da Silva, Segundo Tenente, de 56 anos, entrou no Corpo de Bombeiros no dia 16 de junho de 1982, aos 19 anos. Após 30 anos de serviço, entrou para a reserva da instituição. A opção de realizar o encontro na Cidade Administrativa foi do próprio participante. A entrevista foi registrada em áudio e vídeo e teve a duração de 11 minutos e 45 segundos.

Antes de iniciar a entrevista, conversamos sobre diferentes temas, para, assim, criarmos laços de confiança. De certa forma, conseguimos man-

33. Parecer nº 3.231.109.

34. Por se tratar de um trabalho que pretende expor fragmentos das falas dos entrevistados, valorizando suas memórias, os participantes foram informados de que suas identidades seriam reveladas, conforme consta no item 1.E do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

ter um diálogo com assuntos relacionados ao CBMMG, que é nosso interesse em comum. Todavia, quando de fato a entrevista foi iniciada, ao ligarmos a filmadora e o gravador, percebemos que ficamos constrangidos e nervosos. As perguntas foram feitas de maneira mecânica, seguindo todo o roteiro, de forma semelhante a um interrogatório. As respostas foram truncadas e rápidas. Assim, diante de toda a apreensão do momento da entrevista, tivemos dificuldade em construir perguntas para além daquelas previstas no roteiro. A socióloga Dulce Whitaker (2000) afirma a importância de se manter a interlocução com o entrevistado com a criação de questões fora das presumidas. A realização da entrevista-piloto permitiu, para além da familiarização com o roteiro, a identificação de quais perguntas estavam adequadas. Por meio da realização dessa entrevista, também percebemos a necessidade de criar um vínculo maior com o entrevistado para que fluísse de uma forma mais leve.

Primeiras análises

Ao elaborar o roteiro da entrevista, diante das perguntas, que tratavam de aspectos da vida e da carreira do militar, nossa expectativa era de que a conversa tivesse a duração de pelo menos meia hora. Mas, como resultado, obtivemos uma entrevista de 11 minutos e 45 segundos, o que nos frustrou, mas também nos possibilitou utilizar a

transcrição completa como ferramenta para análise. Segundo Whitaker (2000), analisar entrevistas requer dados fidedignos e dedicação do pesquisador. Assim, ela sugere que a investigação seja feita a partir da transcrição da entrevista, e não direto da fala gravada ou do vídeo.

Para a realização da transcrição da entrevista-piloto, nos amparamos nas orientações e nos códigos sugeridos pelas historiadoras Júlia Silveira Matos e Adriana Kivanski de Senna (2011):

- Transcrição realizada pelo próprio pesquisador.
- Passagens pouco audíveis colocadas entre colchetes.
- Dúvidas, silêncios, pausas no discurso, assinalados por reticências.
- Forte entonação assinalada em negrito.
- Anotações como risos, dificuldade em lembrar nomenclaturas, grifadas.
- Gestos significativos como voz embargada, olhos marejados, entre parênteses.
- Subtítulos para facilitar a leitura.

Após a transcrição, realizamos a conferência da fidedignidade. No processo, ouvimos a gravação com o texto transcrito em mãos, acompanhando e conferindo cada frase, mudanças de entonação, interrupções, pausas etc (DUARTE, 2004).

Todos os turnos de falas foram numerados sequencialmente. Para a discussão de nossa análise, utilizamos excertos indicando os interlocutores e o número do turno de fala (NASCIMENTO; ALMEIDA, 2009).

Para realizar a análise da primeira entrevista, nos aproximamos inicialmente do exame temático para a organização das informações coletadas em 3 ou 4 eixos, articulados aos objetivos da pesquisa (DUARTE, 2004). Em um segundo momento da análise do discurso, buscou-se interpretar as narrativas produzidas pelos sujeitos e “problematizar as maneiras de ler, levar o sujeito falante ou o leitor a se colocarem questões sobre o que ouvem nas diferentes manifestações da linguagem” (SANTOS, 2008).

Como eixos temáticos para a análise, delimitamos os temas preestabelecidos no roteiro da entrevista conforme o Quadro 1:

Quadro 1 – Elementos organizadores da análise temática

Eixo temático	Elementos em destaque
Carreira militar	Oportunidade; evolução; concurso; estudo; família.
Formação	Recruta; primeiras ocorrências; corpo; escola; trabalho braçal; evolução.
Atuação profissional	Equipamentos; evolução; corpo; corporativismo; gratidão.
Ocorrências e objetos	Responsabilidade; corpo; capacitação; desencarceradores; soterramento; família.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Sobre a carreira militar, o entrevistado, que entrou no Corpo de Bombeiros em 1982, momento em que a instituição fazia parte da PMMG e que o Brasil, ainda no período da Ditadura Militar, vivia um momento de recessão e de forte inflação, acompanhado de uma queda do salário real (BRESSER, 1989), diz que escolheu a profissão por ser uma época de dificuldades econômicas, e as oportunidades de emprego que existiam eram no funcionalismo público. Apesar de, como na atualidade, a forma de ingresso no Corpo de Bombeiros ser por meio de concurso, o nível de escolaridade exigido e os testes diferiam dos atuais. Em 1982, o nível de escolaridade exigido era a quarta série do ensino fundamental e não havia teste físico no concurso. Hoje, o candidato deve ter o ensino médio completo, além de passar por testes físicos.

Nessa temática, o entrevistado discorre sobre seu tempo de formação, as disciplinas cursadas e as primeiras ocorrências atendidas, que foram inundações no centro de Belo Horizonte. Wander-son fala do vínculo entre os integrantes de sua turma e que, mesmo após já terem ido para a reserva, continuam mantendo contato.

16. Wanderson: É. A minha escola nós começamos com 50 e se não me engan-
no, nós formamos com 35 a 38 militares.
E até hoje a gente mantém contato. Nós
montamos um grupo de WhatsApp... E
nós, já depois de ido pra reserva, dados
os 30 anos de coisa... Nós já promovemos
quatro encontros de turma e também

tem mais um previsto agora pro dia 15 de junho que é... Vamos fazer 36 anos de carreira.

Ao discorrer sobre a atuação profissional, o entrevistado exprime o sentimento de gratidão de quando chegava ao quartel ou em casa após o cumprimento de suas missões. Ele dá destaque ao espírito de corpo, como sendo sua maior lembrança da época de atuação no CBMMG.

24. Wanderson: Olha, eu vejo o... A melhor lembrança é o corpo, o corporativismo dos integrantes do Corpo de Bombeiros. Um não deixa o outro para trás. Sempre um próximo do outro. Ninguém trabalha isolado. É o grupo que trabalha que vai e volta junto.

Na última parte da entrevista, com a temática de ocorrências marcantes e objetos, mais uma vez, o corpo está presente. Ao ser questionado sobre os artefatos que simbolizam a atuação do Corpo de Bombeiros, o entrevistado, que era condutor de viaturas, responde sobre a preocupação com o companheiro de trabalho.

30. Wanderson: Olha, é difícil porque o meu posto em 87 foi é... Eu fui sargento condutor de viaturas. Então a minha função era conduzir as viaturas até o local de trabalho. Além de ser o condutor, eu era chefe de Guarnição e muitas vezes chefe de serviço. Então, a gente tinha uma preocupação muito grande com o homem que tava indo conosco. O bombeiro militar. Então a nossa situação era: levar e

trazer para que as pessoas possam ter o descanso.

Ao longo da entrevista, a evolução é um tema recorrente. Surgem palavras como: evolução (por duas vezes); modernização (por três vezes); inovações; obsoletos; retrógrados. Outro tema que também tem destaque na fala do entrevistado é a formação continuada que ocorre dentro da instituição: conhecimento; cursos; instrução (por duas vezes); são palavras que aparecem durante a entrevista.

Como convivemos com bombeiros militares, conhecemos a maneira com a qual eles se expressam através da fala. Assim também pudemos notar que, mesmo estando na reserva, o entrevistado continua utilizando palavras e expressões que são típicas dos militares: recrutar; adentrar; ala operacional; aquartelamento; missão; ser destacado; guarnição.

Outro ponto que nos chamou atenção foi o fato de o participante ter um irmão que também é militar. Por nossa experiência, percebemos que muitos ingressam na carreira militar por uma tradição de família.

Ao entrar para a reserva com 30 anos de serviço, faz 7 anos que Wanderson não está em efetivo ofício. Assim, por meio dos pontos que chamaram a atenção na análise da entrevista, foi possível perceber a presença de uma fala institucional, disciplinada, exprimindo que a corporação está sempre em evolução, em uma crescente, e, igualmente, o cuidado de omitir críticas e possíveis falhas da

instituição. Dessa forma, mesmo discorrendo sobre um período de 30 anos, Wanderson não deixa transparecer em sua fala aspectos contraditórios da corporação. O entrevistado passa quase toda a entrevista olhando para um ponto fixo (não olha para a câmera nem diretamente para a pesquisadora), mostrando um controle de suas emoções. É o reflexo de um ser que foi moldado na cultura militar, treinado para ser parte de um corpo uniforme, um representante da corporação. Assim, sua oralidade é de um rigor temporal, além de estar repleta de termos que o identificam como parte dessa organização.

Um corpo formado por muitos bombeiros

A entrevista-piloto, realizada em abril de 2019, foi um guia para a adequação e a realização das demais entrevistas. Por meio dela, percebemos que existe uma interlocução entre as memórias pessoais e institucionais. Normalmente, cada bombeiro militar, ao ingressar no CBMMG, serve por 30 anos³⁵ ininterruptos, para, então, entrar para a reserva e depois ser reformado. Isso significa que grande parte de sua juventude à vida adulta é dedicada à instituição e, portanto, muitas de suas memórias pessoais são marcadas por traços da corporação. Outro elemento que foi destacado a partir da primeira entrevista foi a relação do corpo. Esperón (2013) diz que corpo é energia, uma relação

35. Sendo que a bombeira presta serviços por 25 anos.

de forças. Um corpo se efetiva junto a outros corpos produzindo, afirmando relações, encontros e conexões. Assim, uma instituição que leva em seu próprio nome o corpo é formada pela relação, pela união de vários corpos, dos sujeitos que a compõem, formando um único corpo, em que um é responsável pelo outro, pela segurança do outro, o que é possível perceber por meio da fala do entrevistado. O filósofo Michel Serres (2004), ao discorrer sobre o corpo, utiliza como metáfora um indivíduo que está subindo uma íngreme montanha. Para suportar a subida, ele precisa que cada célula, cada órgão de seu corpo trabalhe de maneira conjunta. Para que consiga realizar uma caminhada sem fadiga na montanha, mesmo que o percurso seja árduo, basta que, dentro do silêncio, nunca se perca nenhum tema ou nenhuma de suas variações: a partir do ouvido externo, eles enviam preciosos sinais de segurança e equilíbrio ao ouvido interno. Esse canto prodigioso e intenso que surge do corpo exposto ao movimento ritmado do coração, à respiração e à regularidade parece sair dos receptores musculares e das articulações, do sentido dos gestos e “do movimento para invadir inicialmente o corpo e depois o ambiente, com uma harmonia que celebra sua grandeza e que, posteriormente, se adapta transbordante ao próprio corpo que a emite” (SERRES, 2004, p. 15). Pela observação do cotidiano e pelo que foi dito pelo participante, inferimos que assim é o corpo formado pelos bombeiros militares. Um corpo no qual um membro nunca trabalha

sozinho,³⁶ em que há uma união, um companheirismo, e que cada membro depende do outro para o cumprimento de sua missão.

Michel Serres (2004) também defende que o corpo pode ser entendido como essencial para a realização de várias tarefas, que não podem ser substituídas por máquinas. Mesmo com toda a evolução e o desenvolvimento tecnológico que Wanderson cita, a essência do trabalho do Corpo de Bombeiros continua sendo realizada pelos corpos humanos.

Contudo, esses corpos que compõem o Corpo de Bombeiros são uniformizados. Os treinamentos, as regras de conduta, o fardamento, as insígnias mascaram os sujeitos e produzem uma uniformidade. Em um primeiro momento, parecem ser corpos sem identidade, sem individualidade. Por meio das lembranças, da ativação da memória, de características individuais, podemos conhecer o sujeito que dá vida a esse corpo uniforme. Ser capaz de lembrar de algo do passado é o que sustenta a identidade.

O exercício da capacidade de lembrar e esquecer é único. Cada indivíduo tem “suas próprias memórias”, que não podem ser transferidas para outras pessoas. “É essa singularidade das memórias e a possibilidade de ativar o passado no presente – a memória como presente do passado – que definem identidade pessoal e autocontinuidade ao longo do tempo” (JELIN, 2002, p. 19. Tradução nossa).

Outra maneira de entender o corpo é por meio do vigor físico. O corpo trabalhador e o corpo esculpido são fenômenos do cotidiano social, nos quais

36. Uma das primeiras lições que os bombeiros militares aprendem no período de formação é a de nunca ficar sozinho em nenhum atendimento de ocorrência.

são consolidados hábitos da moral e da higiene (SOARES; KANEKO; GLEYSE, 2015). Instituições militares prezam por esses hábitos, e, no caso do CBMMG, a robustez física faz parte de seus valores, conforme descrito em seu site institucional.³⁷ Por envolver atividades em que o corpo é levado ao limite, todo o treinamento físico do Corpo de Bombeiros é formulado para que seus integrantes alcancem uma robustez física e consigam nadar, correr, escalar, enfrentar temperaturas elevadas, entrar em estruturas colapsadas, entre outros desafios físicos. Ao falar em corpo, corporativismo, corporeidade, relação com os colegas de turma e trabalho braçal, o primeiro entrevistado utiliza dos três conceitos de corpo aqui apresentados.

Tendo o corpo como elemento fundamental da primeira entrevista, e com ajustes no roteiro, iniciamos a realização das demais entrevistas que fazem parte do trabalho e da produção da proposta de instalação para o MMM.

As seis entrevistas

Este livro pretende valorizar as memórias do sujeito, conhecer quem está por detrás da farda, da uniformização proposta pela corporação, sua individualidade, todavia, as perguntas não exploravam quem é esse sujeito social. Assim, o primeiro ajuste foi iniciarmos a entrevista com as apresentações: primeiro da entrevistadora, concluindo com o pe-

37. C.: www.bombeiros.mg.gov.br.

dido de que o entrevistado se apresentasse. Dessa forma, criamos um primeiro vínculo de proximidade com o depoente. Na segunda parte, sobre ocorrências marcantes e objetos, alteramos a ordem das questões, deixando as perguntas agrupadas por tema. Nesse sentido, começamos pela pergunta número 9 e, buscando conhecer mais acerca do sentimento do bombeiro militar ao atender a uma ocorrência, acrescentamos as questões:

- Qual foi a ocorrência mais marcante da carreira do senhor?
- Qual era o sentimento/sensação que o senhor tinha ao chegar em casa depois de um dia de trabalho depois de atender às ocorrências?

Após essas perguntas sobre as ocorrências, foram feitas as três acerca dos objetos (8, 10 e 11) para, então, encerrarmos com uma questão sobre o Museu dos Militares Mineiros.

Essas pequenas mudanças no ordenamento das perguntas possibilitaram mais coerência entre os temas e fluidez da entrevista. O questionamento foi acrescentado, por tratar de sentimentos, trouxe maior emoção às lembranças dos entrevistados.

Percebemos que o participante da entrevista-piloto teve dificuldades de entender e responder às questões acerca dos objetos. Assim, buscando ativar as lembranças dos participantes da pesquisa, ao agendar as entrevistas, pedimos que, caso tivessem, levassem para as entrevistas artefatos e foto-

grafias de suas épocas de atuação. Ainda pensando no processo de ativação das lembranças, pretendíamos realizar as próximas entrevistas³⁸ no próprio MMM, local que está repleto de objetos e fotografias do Corpo de Bombeiros, a fim de facilitar o processo de ativação de lembranças. Todavia, no mês de julho, houve um furto nas instalações elétricas do museu que acarretaram seu fechamento temporário,³⁹ devido à falta de energia elétrica, essencial para o funcionamento do espaço. Diante da impossibilidade de realizar as entrevistas no MMM, cada uma foi agendada em um local onde o entrevistado se sentisse à vontade, sugerido por ele mesmo.

A princípio, pretendíamos realizar entrevistas com dez membros da Confraria do Fogo. Mas a dificuldade de conciliar nossa agenda com a dos participantes, bem como o tempo para o término da pesquisa, permitiram a realização de seis entrevistas. No período compreendido entre 12 de setembro de 2019 e 08 de outubro de 2019, conforme disponibilidade dos participantes, foram, então, realizadas seis entrevistas com os bombeiros militares associados à Confraria do Fogo. Os dois primeiros entrevistados foram indicados pelo presidente da instituição, que fez um primeiro contato com cada um deles. Depois, cada entrevistado indicou outras pessoas para participarem. A Confraria do Fogo é formada por um grupo diversificado de bombeiros militares, que tem em comum o fato de serem reformados ou fazerem parte da reserva do CBMMG. São homens e mulheres das mais variadas idades

38. A realização das entrevistas no MMM estava devidamente autorizada conforme o Termo de Anuência assinado pela superintendente de museus.

39. O MMM só foi reaberto em dezembro de 2019.

e formações. Assim, buscando uma heterogeneidade para a pesquisa e conhecer diferentes sujeitos da instituição, entrevistamos tanto praças quanto oficiais⁴⁰ das mais variadas idades. Em um contexto no qual a presença masculina é proporcionalmente muito maior do que a presença feminina, entrevistamos cinco homens e uma mulher.⁴¹ Como o ingresso feminino na corporação aconteceu em 1993, a Confraria do Fogo, nos últimos anos, tem recebido suas primeiras associadas, que estão completando 25 anos de serviço e se aposentando.

O desenvolvimento e o acesso cada vez mais fácil à tecnologia que vivemos na atualidade possibilitou que, com nossos próprios recursos, registrássemos as entrevistas em vídeo e áudio. Com uma câmera digital e um smartphone em mãos, foi possível a realização desse trabalho. Todos os arquivos foram armazenados em pen drive, na nuvem do Google Drive e em HD externo da Adjuntoria de Comunicação e Cultura da Assessoria de Comunicação Organizacional do CBMMG.

Com os procedimentos metodológicos ajustados, era então hora de partir para o campo e começar a revirar o baú de memórias dos membros da Confraria do Fogo. Para tanto, procuramos ir para as entrevistas conhecendo um pouco de cada participante. Assim, no contato prévio, perguntávamos um pouco sobre cada um deles, nome, idade, ano de ingresso no Corpo de Bombeiros, entre outros dados pessoais.

40. Os militares do CBMMG são distribuídos em duas classes: praças e oficiais. Essas classes são subdivididas conforme o nível de responsabilidade e qualificação profissional. São praças soldados, cabos, sargentos e subtenentes. Os oficiais são aspirantes, tenentes, capitães, majores, tenentes-coronéis e coronéis. Ao reformarem, os militares recebem promoção imediata.

41. Desde o ingresso da primeira turma de mulheres no Corpo de Bombeiros, em 1993, o número de mulheres sempre foi reduzido em relação ao número de homens. Hoje, por meio da Lei nº 22.415, de 16 de dezembro de 2016, o número de militares do sexo feminino é de até 10% do efetivo previsto.

Também buscamos identificar fatos ou histórias que já havíamos ouvido sobre alguns episódios do CBMMG. Isso possibilitou que as entrevistas fossem conduzidas como uma conversa, um bate-papo. Com maior domínio sobre o tema e, conhecendo um pouco dos entrevistados, conseguimos formular perguntas que não estavam previstas, criando e recriando uma interlocução com o entrevistado. Dessa forma, o roteiro foi um guia, um norteador, como deve acontecer nas entrevistas semidirigidas.

Diferentemente da entrevista-piloto, todas as outras 6 atingiram nossa expectativa de duração de pelo menos meia hora de conversa. Assim, obtivemos entrevistas entre 36 minutos e 19 segundos e 63 minutos e 65 segundos. Por questões de armazenamento e durabilidade da bateria da câmera utilizada, uma Sony HDR – CX220, as gravações de cada entrevistado foram divididas em até três vídeos. Os dados foram salvos com nome do participante, data e número do fragmento do vídeo (1, 2 ou 3). Como ferramenta para mapear as falas dos entrevistados, utilizamos quadros de narrativas que, segundo Rodrigo Drumond Vieira (2011), são instrumentos de análise nos quais o discurso é dividido em segmentos que facilitam a leitura, a análise e a utilização dos excertos. Para Greciene Maciel e Sylvania Nascimento (2015), essa ferramenta permite uma análise panorâmica do objeto, identificando sua duração, os atores envolvidos e o contexto das falas.

O primeiro passo para a construção dos quadros de narrativas foi ver e rever, algumas vezes, os 6 vídeos de forma atenta, realizando uma análise dos temas recorrentes e organizando marcadores de tempo para mais fácil localização dos excertos. Após o trabalho de análise dos vídeos, os assuntos corpo, artefatos de trabalho, família e fatos marcantes da carreira surgiram como elementos para a proposta de expografia.

Com os temas definidos, o segundo passo foi elaborar um quadro de narrativas para cada temática. Cada quadro foi formulado com o contexto da fala, a identificação do entrevistado, a transcrição do fragmento, que foi realizada segundo os mesmos princípios da entrevista-piloto, e a marca de tempo da fala. As transcrições dos trechos foram feitas a partir das filmagens e dos áudios armazenados no smartphone. Dessa maneira, após as inúmeras escutas, a realização das transcrições e a conferência de fidedignidade, estavam prontos os quadros de narrativas, como mostrado no Quadro 2.

Quadro 2 – Exemplo de quadro de narrativas

Quadro De Narrativas – Corpo – Vigor Físico		
Contexto da fala	Transcrição	Marca de tempo
Ao ser questionado sobre quais eram as exigências para o ingresso no Corpo de Bombeiros.	<p>1. Ten. Dias: Olha (limpa a garganta), para a admissão, tinha essas provas todas aí. Prova física... entendeu? É... a prova física tinha corrida livre, corrida com saco nas costas, saco com 50 quilos, é... subida em corda, é... travessia em barra (aponta para cima). Entendeu? E era apertado.</p>	<p>Vídeo 1: 3min 34s/4min</p>
Comentando como eram as atividades físicas no período de formação.	<p>2. Ten-Cel. Simil: Olha, eram extremamente intensas... Era uma época em que... o bombeiro, né... Eu mesmo, como policial militar, estranhei, porque... é, é, a atividade de mergulho muito forte, atividade de altura muito forte, atividade física extremamente voltada para preparar o bombeiro mesmo pra atividade dele, que é uma atividade, né, extremamente pesada. Eu, durante a minha vida profissional, várias vezes eu tive que recorrer a esse (ênfase com as mãos)... a esse preparo pra suportar mesmo... a dificuldade, né, da própria atividade. É... na nossa época, nós não tínhamos equipamentos assim... mais modernos, né, a gente tinha que contar é com o esforço mesmo do bombeiro militar pra suplantar a dificuldade com equipamento e realizar a atividade profissional que (gagueja), que, que, a sociedade dependia da gente.</p>	<p>Vídeo 1: 4min 21s/5min 28s</p>

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Além dos quadros de narrativas que contemplavam cada tema, elaboramos um quadro de identificação com as apresentações de cada participante, pois para este trabalho era importante conhecer a individualidade de cada membro do corpo. A temá-

tica do corpo recebeu dois quadros de narrativas: um referente ao corpo como vigor físico e outro referente ao corpo como união de vários membros. As transcrições foram produzidas na sequência das entrevistas, e os turnos das falas foram numerados sequencialmente em cada quadro com a identificação dos interlocutores.

3

Uma instalação para o Museu dos Militares Mineiros

Os seis confrades do fogo

Traçamos algumas linhas sobre os seis confrades que, de forma voluntária e generosa, participaram da pesquisa e abriram e remexeram seus baús de lembranças para ativar suas memórias. Contaram sobre seu ofício, o ingresso no Corpo de Bombeiros, as dificuldades, os melhores momentos, as lembranças de emoções, as saudades, as relações com os colegas de turma, como a família lidava com os perigos do trabalho. Por meio da entrevista, relataram diversos episódios de suas vidas, que podem ser chamados de microbiografias e que permitem a divulgação de algumas narrativas ausentes na expografia do MMM. São memórias múltiplas, diversificadas e plurais, para além da narrativa linear e oficial presente no equipamento cultural. São vários pontos de vista sobre a mesma instituição que nos permitem conhecer o sujeito que está por trás da uniformização própria da corporação.

Ao mesmo tempo que apresentamos os sujeitos, que nos cederam gentilmente seus tempos e memórias, permitindo que revelássemos suas identidades, relatamos nossa análise que guiou o processo de proposição de expografia.

Antônio Dias da Silva

No dia 12 de setembro de 2019, no período da tarde, tenente Dias abriu sua casa, no bairro Santa Efigênia, em Belo Horizonte, para que fizéssemos uma entrevista com ele e com seu colega na Confraria do Fogo, tenente-coronel Simil (Figura 5). Logo que chegamos à casa do tenente Dias, ele nos apresentou sua esposa e mostrou algumas fotografias que tinha da época em que serviu no Corpo de Bombeiros. Uma delas, inclusive, era de um dos fatos relatados durante a entrevista (Figura 6). E, com expressão de orgulho, nos mostrou um retrato no qual estava uma foto de seu neto mais velho, desde 2014 soldado da PMMG, seguindo, assim, a carreira militar do avô. Realizamos, então, a entrevista em sua sala de jantar, com a foto do neto sobre a mesa.

Figura 5 – Entrevistado ten. Dias



Fonte: Acervo pessoal. Foto por Andréa Beltrão.

Figura 6 – Fotografia da ocorrência relatada no quadro de narrativas – Fatos marcantes da carreira – Excerto 6



Fonte: Acervo pessoal ten. Dias.

Começamos a entrevista pedindo para que o participante se apresentasse. Antônio Dias da Silva, de 77 anos, com formação no ensino fundamental, se apresentou como tenente reformado do Corpo de Bombeiros, tendo ingressado no então Corpo de Bombeiros do Estado de Minas Gerais no dia 02 de maio de 1963, aos 21 anos. Hoje, na reserva, ele ainda lembra com precisão de detalhes de diversos fatos que vivenciou na corporação.

1. Ten. Dias: Bom, meu nome é Antônio Dias da Silva, tenente reformado do Corpo de Bombeiros... É... eu entrei pro Corpo de Bombeiros em 1963, no dia 02 de maio.

Aí nesse período eu fiz a famosa escola de recrutas de maio a janeiro de 64. 31 de janeiro de 64 eu formei soldado. (Excerto do quadro de narrativas – Apresentação)

Em uma conversa de 38 minutos e 54 segundos, foi possível conhecer diversos relatos do militar que diz ainda sonhar com sua época de serviço no Corpo de Bombeiros.

10. Ten. Dias: Eu chego a sonhar hoje às vezes quando eu tava na escola. Escola de recrutas, chego a sonhar. Sonho às vezes com as coisas do serviço. O bombeiro não saiu de mim, não. Eu saí dele, mas ele não saiu de mim. (Excerto de quadro de narrativas – Fatos marcantes)

Ten. Dias forneceu relatos detalhados sobre o fardamento da década de 1960; treinamentos; atendimento a ocorrências; diferença do serviço de rua e do serviço administrativo; período em que serviu na PMMG; casos curiosos; e a sensação de chegar em casa depois de um dia de trabalho, com o sentimento de dever cumprido.

Adimar Simil Silva

Ao terminar a entrevista com o tenente Dias, começamos a entrevista com o tenente-coronel Simil, também na sala de jantar da casa do tenente Dias. Com 56 anos de idade e com ensino superior completo, o entrevistado começou sua apresentação contando sobre seu ingresso na instituição, se-

guindo assim os passos de seu pai também militar. Segundo ele, devido à inserção do Corpo de Bombeiros à PMMG, havia certa mobilidade nas funções de cada militar. Assim, vários bombeiros militares, em algum momento da carreira, foram transferidos para os quadros da PMMG e vice-versa. Ten-cel. Simil foi o único entrevistado de toda a pesquisa que já ingressou como oficial, além de também ter sido o único que escolheu ingressar como policial militar, fazendo concurso para a PMMG e, posteriormente, por uma questão pessoal, para permanecer em Belo Horizonte, fez concurso interno para ser bombeiro militar.

2. Ten-cel. Simil: Andréa, é um prazer tá, te conhecer, gostaria de agradecer essa oportunidade de falar, né? De conversar sobre o Corpo de Bombeiros. Eu me realizei muito nessa profissão. Eu ingressei na corporação, na Polícia Militar de Minas Gerais, aos 16 anos. E, à época, o Corpo de Bombeiros ele pertencia à Polícia Militar e eu fiz todo o meu trabalho, todo o meu estudo voltado para a carreira policial militar. O meu pai ele é policial militar, tá? E... e a gente praticamente segue os passos do pai. Eu estudava no Colégio Tiradentes, quando eu inteirei a idade, aos 16 anos, me foi permitido me inscrever no concurso. Eu fiz as provas e iniciei, vim pra Belo Horizonte e iniciei meu trabalho, meu estudo aqui na Academia de Polícia Militar de Minas Gerais. E... a minha ida para o Corpo de Bombeiros foi quase que acidental, assim, foi uma questão da carreira policial militar. Eu trabalhava no

19º Batalhão, que é na cidade de Teófilo Otoni, Minas Gerais, é a minha região, é onde... região de onde eu sou originário... Natural de lá. E... e conheci uma moça de Governador Valadares e noivei dela. E o comandante queria me transferir porque vagou um comando de pelotão, e eu era segundo tenente, na cidade de Araçuaí, mais três horas pra cima, já no Vale do Jequitinhonha, lá pro lado de Diamantina. E eu queria voltar pra Valadares porque... a minha esposa, a minha atual esposa, que era minha noiva, morava lá. Aí ficou aquela situação difícil, porque o comandante precisava de mim lá e eu queria voltar pra Valadares. E ir para Araçuaí casado, era sem condições. A esposa não aceitava ir. Então surgiu o concurso pra os oficiais que quiserem, quisessem fazer o curso de bombeiro pra oficiais na Polícia Militar, viria pra Academia, faria um curso de um ano e seria do Corpo de Bombeiros. Aí eu fiz a inscrição... Entre 30 candidatos, só dois passaram... Eu fui um dos dois... Aí eles fizeram um outro concurso e completaram. Aí eu fiquei um ano. O ano de 1987 todinho eu fiquei em BH, né? Estudando na Academia de Polícia Militar, em convênio com o CEFET, estudando muita hidráulica, muita matemática, cálculo... essa área toda de prevenção contra incêndio: combate a incêndio, mergulho, salvamento em altura... Então, depois de fazer um CFO de 5 anos... e, onde a gente tinha também matéria de prevenção contra incêndio, eu fiz o curso de 1 ano específico para atuar no Corpo de Bombeiros. Aí fui transferido

para o 1º GI, ao término de curso, no ano de 1897, aos 25 anos, aí comecei minha carreira no Corpo de Bombeiros. (Excerto do quadro de narrativas – Apresentação)

Figura 7 – Entrevistado ten-cel. Simil



Fonte: Acervo pessoal. Foto por Andréa Beltrão.

Em 50 minutos e 77 segundos, ten-cel. Simil (Figura 7) falou da alegria de servir no CBMMG; fez comparações entre PMMG e CBMMG; relatou ocorrências no interior do estado de Minas Gerais; falou do processo de desvinculação da PMMG; contou sobre seus comandados; e disse que relatar suas lembranças foi muito importante para ele se sentir mais vivo e se lembrar de como foi bom servir.

Ten-cel. Simil ingressou na PMMG no ano de 1980, aos 16 anos. À época, o complemento dos estudos do segundo grau (hoje ensino médio) poderia ocorrer na Academia de Polícia Militar. Hoje, para

ingressar na Polícia Militar, o candidato necessita ter ensino superior completo.

Antônio Mário de Almeida

No dia 19 de setembro de 2019, realizamos a entrevista com o subtenente Antônio Mário (Figura8), na sede da União dos Militares do Estado de Minas Gerais (UMMG), no bairro Santa Efigênia, em Belo Horizonte. A UMMG⁴² é uma associação representativa de classe criada com a finalidade de amparar os policiais e bombeiros militares transferidos para a reserva e reformados. Dessa maneira, sua sede é frequentada por diversos militares que já se aposentaram, o que proporcionou que tivéssemos contato com vários deles e que o entrevistado conversasse com alguns de seus contemporâneos antes da entrevista. Foi interessante notar a amizade que existe entre esses militares. Cada um que passou por nós parou, cumprimentou, conversou e contou algum caso da época em que estava na ativa. Após essas conversas, fomos para uma sala reservada na UMMG e iniciamos nossa entrevista.

42. Mais informações em: www.ummg.org.br.

Figura 8 – Entrevistado subten. Antônio Mário



Fonte: Acervo pessoal. Foto por Andréa Beltrão.

Aos 72 anos de idade e com ensino fundamental completo, subten. Antônio Mário se apresentou contando como foi o ingresso no Corpo de Bombeiros.

1. Subten. Antônio Mário: Na verdade, eu tinha saído de um emprego, no fim de 71 e... não tinha nada, procurava emprego e não conseguia. Por acaso eu, eu passando num lugar e tinha um, um, um... uma organização de festas ali na Floresta e cheguei lá e conversei com o pessoal. “Não você fica aqui ajudando a gente e tal” e os rapazes, o dono, ele era é... era militar, bombeiro. E os garçons que trabalhavam com ele também. Alguns, né? E, e ele fornecia salgados pra cantina no, no 1º Batalhão de Bombeiros, que a princípio só tinha o 1º. E mandou que eu fosse lá levar uns salgados lá pra cantina. Cheguei lá, eu fui chegando e fui recebido assim pelo pessoal, conversa

com um, conversa com outro e fui fazendo amizade. E os colegas e o próprio, o nome dele: Manoel Diniz. E o Diniz falou pra mim: “Por que cê não entra pro bombeiro”? E aí eu falei: “Vamos ver quando tiver vaga”. E aí saíram as vagas, né? E eu fui lá fazer inscrição e... fiz a prova. Na primeira prova eu perdi no psicotécnico... É... por sinal eu descobri que é, me deram uma folha de papel em branco pra é, é, desenhar uma árvore e um casal em trajes de banho, de piscina, ou praia e tal. E eu fiz aos meus modos os desenhos e perdi o psicotécnico. E aí, conversando com a pessoa depois: “O que você fez no desenho?”. Eu falei: “Não, eu desenhei o casazinho, um homem e uma mulher e uma árvore”. “Mas você desenhou mais alguma coisa?” “Não.” “Moço, você tinha que fazer uns risquinhos embaixo pra entender que eles estavam pisados no solo e a árvore com as raízes embaixo do chão, entendeu? (faz gestos de desenhar com as mãos) E você deve ter perdido por isso.” E dei sorte que com oito dias eles marcaram de novo, aí eu fiz o mesmo desenho, os mesmos desenhos e (mais uma vez fiz gestos como se estivesse desenhando) coloquei os risquinhos com é, é, é (gagueja), o casal é, pisando no solo e, lógico, que as raízes da árvore ficaram pra dentro do chão (mostra com as mãos as raízes) e passei. Eu creio que foi isso. (Excerto do quadro de narrativas – Apresentação)

Em uma entrevista de 63 minutos e 65 segundos, subten. Antônio Mário demonstrou uma urgência

em relatar suas lembranças, cheias de riquezas de detalhes: datas, localizações e nomes. Assim, o entrevistado contou sobre diversas ocorrências, várias viagens de trabalho, colegas de ofício e dificuldades financeiras da corporação antes mesmo que perguntas fossem feitas.

Geraldo Raymundo Alves

A entrevista do ten. Geraldo também foi realizada no dia 19 de setembro, na sede da UMMG. Aos 72 anos de idade e com ensino médio completo, ten. Geraldo se apresentou de forma sucinta (Figura 9). No decorrer de sua entrevista, com duração de 58 minutos e 36 segundos, ele detalhou sobre diversos fatos de sua carreira e sua disposição no atendimento às ocorrências. Todos os fatos foram relatados com riqueza de detalhes.

1. Ten. Geraldo: Pois é, eu me chamo Geraldo, né? Mais conhecido como Geraldinho... É, vim do interior do estado e fui para o Corpo de Bombeiros em 1960. Exatamente 11 de março de 1960. (Excerto do quadro de narrativas – Apresentação)

Figura 9 – Entrevistado ten. Geraldo



Fonte: Acervo pessoal. Foto por Andréa Beltrão.

Logo que encerramos a entrevista, ten. Geraldo disse que algum dia antes tinha procurado em sua casa suas recordações sobre seu ofício de bombeiro militar. Assim, ele nos mostrou uma pasta com algumas fotografias (Figura10), que eram utilizadas na identificação militar, algumas com os colegas de trabalho. Ele também disse que em casa tinha algumas cópias de reportagens sobre o Corpo de Bombeiros e, caso fosse de interesse do MMM, que ele poderia doar essas cópias.

Figura 10 – Ten. Geraldo no início da década de 1960



Fonte: Acervo pessoal do ten. Geraldo.

Celso Sérgio Ferreira

No dia 26 de setembro de 2019, realizamos a quinta entrevista da pesquisa, na casa do próprio entrevistado, no bairro Santa Efigênia, em Belo Horizonte. Coronel Celso Sérgio Ferreira, com 82 anos de idade e com ensino superior completo, ingressou na corporação em 1957 (Figura 11). Durante sua carreira, teve a oportunidade de ir para a PMMG, mas preferiu continuar no Corpo de Bombeiros. Antes de começarmos a entrevista, cel. Celso buscou em outro cômodo de sua casa dois capacetes

que ele havia utilizado em seu trabalho. Um preto e um branco, ambos utilizados em sua carreira no CBMMG. Depois, ao longo da entrevista, ele explicou sobre os capacetes.

1. Cel. Celso: Bem, meu nome é Celso Sérgio Ferreira, eu assentei praça no Corpo de Bombeiros... depois prestei exame pra cabo e CFO, passei nos dois. Fui pro CFO. Saí oficial em 1957. Nesse tempo o Bombeiro era separado da Polícia Militar... e o último posto de bombeiro era de capitão. Como eu tinha paixão pelo Bombeiro e daí pra mim era coisa secundária, eu preferi ficar no Bombeiro. E o destino levou... exatamente a uma coisa que não era prevista. Eu acabei, dada a reintegração do Bombeiro com a Polícia Militar, fiz uma carreira muito bem-sucedida, melhor do que o pessoal da Polícia Militar. Da minha turma. E... fiquei como coronel mais antigo da PM por alguns anos. Reformei... e continuo sempre em atividade, porque eu acho que atividade é importante. Trabalhar é importante. Continuo na atividade e pretendo morrer trabalhando. (Excerto do quadro de narrativas – Apresentação)

23. Cel. Celso: Bem, esse aqui é um capacete antigo (pega no capacete preto), é, é, é, ele o cabo e soldado tinha um pirulitozinho aqui em cima. O de sargento tinha, essa parte aqui (mostra a crista do capacete) a gente chamava de telha, mas a telha era diferente. E do oficial tinha essa telha mais bordada. Esse era o capacete de oficial (pega o capacete e mos-

tra para a pesquisadora). Esse aqui ó, tá escrito aspirante, 1957. Se você quiser levar ele lá pro museu, pode levar. Depois, para destacar, eles fizeram esse capacete branco (pega o capacete branco e mostra para a pesquisadora) que era só para os oficiais (coloca na cabeça). E parece que hoje ainda é esse capacete branco que (volta o capacete para a mesa) é usado só pelos oficiais. (Excerto do quadro de narrativas – Artefatos de Trabalho)

Em 50 minutos e 54 segundos, o coronel que idealizou e fundou a Confraria do Fogo e hoje é consultor de empresas para assuntos relacionados à prevenção e ao combate a incêndio impressiona por sua capacidade de lembrar fatos. Durante a entrevista, além de relatar fatos que marcaram sua trajetória no Corpo de Bombeiros mineiro, ele fez uma comparação das leis e formas de trabalhar de outros corpos de bombeiros do Brasil e do mundo, como Rio de Janeiro, São Paulo, Itália, Estados Unidos e França.

Figura 11 – Entrevistado cel. Celso



Fonte: Acervo pessoal. Foto por Andréa Beltrão.

Após a entrevista, cel. Celso nos apresentou sua esposa, mostrou fotos de seus parentes e se colocou à disposição caso fosse necessário realizar outras entrevistas.

Érika Luíz Reis

No dia 08 de outubro de 2019, executamos a última entrevista do trabalho com a tenente Érika, em uma sala de reuniões da CAMG (Figura12). Aos 45 anos de idade e com ensino superior completo, ten. Érika foi integrante da primeira turma de mulheres negras a ingressar na corporação, em 1993, e foi a única mulher que cumpria os critérios para participar da pesquisa.

1. Ten. Érika: Bom, meu nome é Érika, eu tenho 45 anos de idade... e eu servi ao Corpo de Bombeiros por 25 anos... e tem um ano e oito meses que eu já estou na

reserva. Na reserva do Corpo de Bombeiros. (Excerto do quadro de narrativas – Apresentação)

A entrevistada relatou sobre seu ingresso na corporação e sobre a rigidez, os desafios e os preconceitos enfrentados pelas primeiras mulheres bombeiros militares de Minas Gerais.

23. Ten. Érika: A gente no início, quando nós entramos, a gente era proibido de conversar com o masculino. A gente não podia nem conversar com um companheiro masculino. Na época tinha é... escolinha, né? De feminino, que era a nossa. E tava em andamento uma escolinha é, masculina. A gente não podia conversar com os meninos. Era proibido. Mas a gente conversava escondido, claro, né! (Excerto do quadro de narrativas – Fatos marcantes)

Figura 12 – Entrevistada ten. Érika



Fonte: Acervo pessoal. Foto por Andréa Beltrão.

Ao final da entrevista, ten. Érika comentou como era agradável a convivência com os colegas de farda, nos plantões de 24h, e até sua presença no estado-maior do CBMMG para rever alguns amigos.

Auscultando as memórias alheias

Para Vygotsky (2001), a memória é um processo criador que alimenta nosso psiquismo no aspecto operacional tanto de nossos comportamentos e identidades quanto de nossas associações simbólicas entre a realidade e a imaginação. Rememorar é também ultrapassar o processo de esquecimento, pois em nosso cotidiano gerenciamos as informações que recebemos promovendo muitas delas para o espaço profundo de adormecimento.

Usamos a palavra ausculta no sentido de uma escuta interessada e investigativa, que, para além de uma posição passiva e responsiva diante do entrevistado, foi aprofundada e guiada por nossos pontos de interesse: corpo, artefatos de trabalho, família e fatos marcantes da carreira.

Dentro no CBMMG, com frequência, escutávamos que um militar sempre terá um vínculo com sua instituição. Assim, os bombeiros militares, mesmo na inatividade, estando reformados ou na reserva, permanecem vinculados à sua profissão. A cultura militar é constituída pela formação de vínculos de fidelidade e lealdade que mobilizam o grupo na composição de uma identidade coletiva.

Nas entrevistas, esse fato ficou evidente na apresentação de cada sujeito. Mesmo estando fora do efetivo serviço militar, todos os entrevistados, independentemente da idade, de sua formação e do tempo de afastamento, se apresentaram, se identificaram como militares, membros do Corpo de Bombeiros, falaram de seus postos ou graduações, como ingressaram na corporação e por quanto tempo serviram.

Para o capitão do Corpo de Bombeiros Lenard Farah (2019), essa noção de corpo é decisiva para o atendimento às operações. Todavia, mesmo ainda sendo parte do corpo, esses sujeitos apresentaram falas menos disciplinadas do que as do participante da entrevista-piloto, que estava ainda em serviço. Os discursos foram carregados de expressões, palavras, siglas e jargões do universo militar, que, para um civil, muitas vezes parecem não ter sentido. Mas, agora, além de enaltecerem a corporação, eles também apresentam algumas contradições, algumas dificuldades enfrentadas durante o serviço. Dessa forma, mesmo dentro de um universo de constrangimentos, nossa entrevista viabilizou a emergência dos sujeitos, de homens e uma mulher.

Assim, ten. Dias reclamou de que não podia votar na época em que o Corpo de Bombeiros foi reintegrado à PMMG:

3. Ten. Dias: É, da PM. Passei a ser da Polícia Militar, Já não votava mais (olhar de tristeza). Eu deixei de ser cidadão. (Excerto do quadro de narrativas – Fatos marcantes)

Ten-cel. Simil expôs que a região do Rio Doce, em que trabalhava, era desestruturada:

12. Ten-cel. Simil: Ah, tem várias. Nó! Muitas... Olha, nós, nós passamos uma época no Parque Florestal que era minha área, Rio Doce, comandando alguns incêndios lá. Então foram experiências lá. Aprendi muito. Uma tropa muito grandiosa e alguns incêndios eu comandeí. A gente comandava 4, 5 helicópteros, como se fosse quase como um Brumadinho desse lá (aponta com a mão a direção) na nossa região e assim muito desestruturadozinho e tudo era a gente que tinha que resolver. Então foi uma experiência. (Excerto do quadro de narrativas – Fatos marcantes)

Ten. Geraldo citou, com pesar, que, em nome da profissão, muitas vezes não tinha tempo para dar assistência à sua família:

14. Ten. Geraldo: Porque eu não tinha tempo pra dar assistência aos meus filhos... Eu mais viajava do que ficava em Belo Horizonte... Então meus filhos foram crescendo, com a assistência de, da esposa... Porque o serviço de salvamento, depois que ele foi ampliado, em 1961, viajava-se muito... O tipo de acidente, catástrofe de um modo geral, e... Eu sempre de plantão, sempre viajando. Então faltou uma assistência, presença, né? Para meus filhos... Os dois são bombeiros hoje, são reformados, mas faltou. Assistência pra eles, a mãe que cobriu. Mas eu precisava viajar, também pra receber uma pequena diária pra inteirar o leite deles. (Excerto do quadro de narrativas – Família)

Cel. Celso contou que ficou impressionado ao recolher vários corpos em uma ocorrência e ainda ter isso gravado em sua memória:

23. Cel. Celso: [...] Foi uma operação que não tinha risco, mas me impressionou muito pegar aqueles restos, aquele sangue, com aqueles ossos tudo esmigalhados, foi... realmente me marcou demais. Eu até hoje tenho aquela operação na lembrança. (Excerto do quadro de narrativas – Fatos marcantes)

Subten. Antônio Mário falou das dificuldades financeiras enfrentadas, das muitas viagens e de, por vezes, não ter onde dormir ou como se alimentar:

14. Subten. Antônio Mário: Então a gente viajava muito pra vários tipos de ocorrências, principalmente de afogamento. A gente viajava e ficava dias fora. Ganhava diária e tudo... Sofria muito, passava até necessidade alimentícia, pra dormir, dependendo do lugar, cê dormia lá no... como diz o outro: o que achasse, né, onde ficar. Tinha lugar que a gente era muito bem recebido por moradores, familiares e tal dessas vítimas e tal, mas a gente não deixava de passar situação difícil. (Excerto do quadro de narrativas – Fatos marcantes)

Ten. Érika mencionou a pressão sofrida por ser mulher e a todo o momento ter que provar ser capaz de exercer a profissão.

26. Ten. Érika: E assim, durante a escolinha, eles exigiram bem mais da gente. E eles falavam que estavam exigindo porque a gente tinha que provar que era capaz. E que se a gente não fosse capaz, que nunca mais teria mulher no Corpo de Bombeiros e que a culpa era nossa. Então assim, a gente se desdobrava, era uma pressão física e psicológica muito grande. Muito grande. (Excerto do quadro de narrativas – Fatos marcantes)

Esses excertos exemplificam a forma de condução das entrevistas com vistas a constituir as narrativas expositivas em torno dos temas emergentes na entrevista-piloto.

Em seu estudo sobre as emoções presentes nas memórias de uma visita ao observatório da Serra da Piedade, Fernando Linhares (2019) aponta que memórias remotas tendem a ser menos vívidas do que as recentes. Acompanhando os estudos de Vygotsky (2001) sobre a aprendizagem da memória, consideramos as emoções coloridas da lembrança que facilitam as associações de rememorar. Aspectos que dizem respeito à memória autobiográfica são significativos e tendem a permanecer vívidos por muito tempo. Assim, a maioria dos fatos relatados pelos entrevistados pertencem no início de suas carreiras; alguns são episódios que aconteceram há mais de 50 anos relacionados a muitas emoções, mas permanecem vívidos na memória. A insegurança da entrada em uma carreira militar, os enfrentamentos conflituosos nos reconhecimentos de novas realidades urbanas, as surpresas diante das emergências, a

vulnerabilidade dos atendidos e dos colegas de serviço. Mesmo que alguns entrevistados já sejam idosos e a memória já possa estar falhando, os relatos que fizeram, por serem significativos para eles, carregam uma riqueza de detalhes e precisão de datas, nomes e sensações. São exemplos de como a memória autobiográfica é marcada por memórias vívidas carregadas de emoções.

Mesmo relatando eventos conflituosos e difíceis, os seis participantes demonstraram, ao final de todas as entrevistas, o sentimento de orgulho e generosidade por terem servido no Corpo de Bombeiros, ao agradecerem a participação na pesquisa e, em alguns casos, até colocando-se à disposição para outras entrevistas ou para doarem material para o MMM. É possível igualmente notar que, com este trabalho, os participantes sentiram-se ouvidos e valorizados. Registrar e compartilhar essas memórias são formas de valorizar tudo o que essas pessoas viveram.

Tecendo a expografia para a Sala 6 do MMM

No filme *How to Make an American Quilt* (1995), da cineasta australiana Jocelyn Moorhouse, as mulheres confeccionam uma colcha de retalhos a partir de suas memórias. Nossa proposta de expografia, como em um roteiro cinematográfico, bus-

camos compor uma narrativa coletiva entre corpos, artefatos e o cotidiano de sujeitos militares. Nos inspiramos em outras experiências de curadoria de memórias. A tese de Ecléa Bosi (1993) foi publicada e tornou-se um livro com as memórias dos oito participantes da pesquisa. As entrevistas com moradores de Cordisburgo foram materiais para o livro organizado por Liliane Dardot e Márcia Almada (2006), relacionando lembranças cotidianas ao acervo para o Museu Casa Guimarães Rosa. Aqui, o produto decorrente da pesquisa, das entrevistas, é a proposta expográfica para o MMM.

Para André Desvallées e François Mairesse (2016), o termo exposição refere-se tanto ao resultado da ação de expor quanto ao conjunto do que é exposto no lugar onde se expõe.

Tendo origem no termo em latim *expositio*, o termo (que no francês antigo, no início do século XII, era *expocium*) possuía, a princípio e ao mesmo tempo, o sentido literal de uma exposição (de uma criança abandonada, ainda usado em espanhol no termo *expósito*), e o sentido geral de exibição (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2016, p. 34).

Visando o resultado da ação de expor, atualmente, as exposições fazem parte das principais funções do museu, sendo parte do papel mais geral de comunicação da instituição, que compreende, do mesmo modo, as políticas educativas e de publicação. Assim, considerando que o museu é desenvolvido por excelência como lugar da apreensão do sensível

pela apresentação de objetos, sons e imagens, as exposições aparecem como uma característica fundamental desses equipamentos culturais.

O apelo aos sentidos, vivido na atualidade, é responsável por uma revolução na expografia dos museus. Dessa maneira, hoje, nas exposições além de olhar e contemplar, tocamos, manipulamos, escutamos e cheiramos (NASCIMENTO; VENTURA, 2005).

Após alguns anos de inauguração, algumas salas do MMM tiveram que ser desativadas devido a falhas em alguns equipamentos eletrônicos, como projetores e televisores. Após o furto nas instalações elétricas e o fechamento temporário do museu, em 2019, por mais de 5 meses, essa situação se agravou. Dessa maneira, com a reabertura do MMM, seu conselho gestor cogitou a possibilidade de uma revisão da expografia, visando, a partir do funcionamento do museu, contemplar alguns acertos e lacunas identificados. Diante do contexto de necessidade de renovação das exposições do MMM, elaboramos uma proposta de instalação para a Sala 6 do Museu dos Militares (Figura 13). Nosso objetivo é a curadoria inicial envolvendo os aspectos da concepção expográfica, definida por Cury (2005) como sendo a fase de planejamento estratégico da reunião dos elementos centrais da mensagem que será desenvolvida no espaço, da análise dos recursos disponíveis e da busca de soluções interativas.

A referida sala fica no andar de entrada do MMM e abrigava uma exposição dedicada às Regiões Integradas de Segurança Pública. Em uma concepção de hands on, por meio de um painel de controle interativo, o visitante apertava um dos 18 botões correspondentes às RISPs mineiras, localizadas em um mapa de Minas Gerais instalado na parede da sala. Ao escolher uma região, dados percentuais acerca da segurança pública daquele local eram projetados em outra parede. Para ambientar a sala, há também três painéis com curvas de níveis do território mineiro plotadas. Assim, à esquerda de quem entra na sala, há o mapa com o painel de controle; à frente a tela de projeção, à direita, os painéis com as curvas de nível. Contudo, desde 2017, os equipamentos eletrônicos foram queimados e, até então, a sala encontra-se desativada.

Figura 13 – Vista interna da Sala 6



Fonte: Museu dos Militares Mineiros/Diretoria de Museus/ Secretaria de Estado de Cultura e Turismo de Minas Gerais. Foto por Israel Crispim.

Ao iniciar a pesquisa e até o momento da entrevista-piloto, nossa intenção era produzir uma videoinstalação para o MMM. Seleccionaríamos alguns fragmentos dos registros das entrevistas e produziríamos um vídeo a ser instalado no MMM. Mas, diante de todos os temas que surgiram nas demais entrevistas e da sala escolhida para a proposta, alteramos a ideia para uma instalação rizomática. A ideia de produção de uma instalação rizomática partiu da complexidade das narrativas tecidas por nossos entrevistados, que apresentavam em seus discursos um vigor central do corpo militar praticamente maquínico e uma grande afetação pelas tensões dos fatos marcantes e dos artefatos de trabalho, entre a família e a função pública.

Vindo da botânica, o conceito de rizoma difere-se do conceito de raiz. Nos rizomas há uma haste da qual nascem ramificações. Não há começo nem fim, mas um meio pelo qual o rizoma cresce e transborda, sendo um mapa desmontável, conectável e modificável (SOARES; MIRANDA, 2009).

Na proposta de instalação para o MMM, partimos do corpo como elemento haste; as ramificações nascem dos fatos marcantes da carreira, da família e dos artefatos de trabalho que foram as temáticas emergentes e entrelaçadas nas entrevistas.

Como foi percebido na entrevista-piloto, o corpo caracteriza e nomeia a instituição. Os fatos marcantes da carreira são elementos que permearam todas as entrevistas, criando uma temporalidade circular em um tempo da memória. Ao servirem por 30 ou 25 anos, os bombeiros da Confraria do Fogo lembram, com muitos detalhes, os episódios que marcaram suas carreiras. São relatos sobre ocorrências, casos engraçados, desafios, enfim, momentos que ficaram registrados em suas memórias.

A carreira nas instituições militares exige que os sujeitos tenham dedicação exclusiva e disponibilidade permanente. Isso significa que os militares não podem exercer qualquer outra atividade profissional e que devem se manter disponíveis para o serviço ao longo das 24 horas do dia. Dessa forma, as relações familiares e comunitárias são afetadas. Algumas famílias, que muitas vezes têm muitos membros militares, sentem-se orgulhosas de seus parentes que escolheram essa profissão, outras te-

mem os perigos ou sentem as ausências. Essa relação familiar é relatada em diversos momentos das entrevistas.

As ferramentas, os objetos, os artefatos de trabalho, são essenciais para o cumprimento da missão dos bombeiros militares e podem ajudar a contar a história da corporação.

Objetos ou coisas sempre remetem a lembranças de pessoas ou lugares, de uma simples fotografia até um marco arquitetural. Ao proporcionar a conexão com o mundo, os objetos mostram-se companheiros emocionais e intelectuais que sustentam memórias, relacionamentos e histórias, além de provocarem constantemente novas ideias (DOHMANN, 2013, p. 33).

Alguns bombeiros, ao serem transferidos para a reforma ou a reserva, guardam alguns objetos de uso pessoal, que fazem parte de sua memória afetiva. Os museus são a única instituição cultural que tem o compromisso de reunir e expor objetos da cultura material e preservar as características do patrimônio imaterial desses objetos. Assim, os artefatos que fazem parte da história dos bombeiros militares devem ter espaço no museu que se propõe a preservar e comunicar os bens culturais dos militares mineiros.

Com a definição dos temas e com os quadros de narrativas em mãos, o próximo passo foi elaborar a proposta expográfica. Nosso grande desafio foi conceber uma narrativa com sentido a partir dos

quatro temas que surgiram nas entrevistas, em uma pequena sala. A Sala 6 não tem dimensões que favoreçam a exposição de objetos em vitrines (não há distância adequada para observação) e a circulação de pessoas (14,43 m²). Além disso, seu pé-direito, assim como encontrado em diversas construções do início do século XX, é alto (pé-direito de 4,70 m e uma viga que divide a sala com 2,78 m de altura). Outra dificuldade era aproveitar os elementos já existentes: o mapa de Minas Gerais e os painéis com as curvas de níveis.

Para melhor visualização da Sala 6, foi necessário desenhar uma planta da baixa do espaço.

Com esse recurso em mãos, juntamente com um arquiteto,⁴³ utilizando os programas Revit, da Autodesk, versão 2019, e Photoshop, da Adobe, versão cs7, iniciamos o processo de curadoria e o detalhamento da proposta (cf. Figura 14).

O objetivo era, por meio das memórias dos membros da Confraria do Fogo, demonstrar que existe um corpo, formado por diversos membros robustos, que recebem preparo físico, que passam por diversas situações, que atendem as pessoas, que utilizam diversas ferramentas para cumprir sua missão e que têm suas relações familiares afetadas por esse corpo. Após discussões com colegas do grupo de pesquisa e do trabalho e também com um arquiteto, definimos uma narrativa audiovisual nas três dimensões da sala dominada pelas cores amarelo e vermelho, símbolos da corporação em seu corpo vigoroso. O eixo central, representando

43. Agradecemos a colaboração do arquiteto Pedro Henrique Ribeiro Cortez.

a haste do rizoma, partiria do limiar da porta de entrada até a viga de divisão da sala de onde sairiam as ramificações orientadoras dos demais temas emergentes nas entrevistas. O teto seria integrado como elemento surpresa para a exposição dos artefatos de trabalho após a viga.

Diante do material disponível e dos desafios enfrentados, a proposta final para a instalação ficou da seguinte maneira:

Corpo – entrada da sala até a viga existente:

- Teto: pintado de amarelo, que, além de ser uma cor heráldica do CBMMG, chama a atenção para o teto que, na segunda parte da sala, será utilizado para a exposição de objetos.
- Parede esquerda: palavras e termos retirados das falas dos entrevistados que se referem à robustez e ao preparo físico. A proposta é que essas expressões sejam plotadas em diversas fontes e tamanhos, em uma nuvem de palavras. A partir da análise do quadro de narrativas – Corpo – Robustez Física, foram selecionadas as seguintes palavras e expressões: prova física; corrida livre; corrida com saco nas costas; subida em corda; travessia em barra; atividade de mergulho; atividade de altura; atividade física; esforço; disposição; aguentar peso; preparo físico; condicionamento físico; treinamento. Além da plotagem, haverá uma mídia de áudio com dois fragmentos das entrevistas que fazem referência a esse corpo.

- Parede direita: palavras e termos plotados em diversas fontes e tamanhos que remetem ao corpo formado por vários membros, à unidade. Palavras retiradas dos depoimentos: amigos; companheiros; tropa; guarnição unida; extremamente unido; agregado; união; amizade; companheirismo; não trabalha sozinho; precisar de alguém; trabalho em conjunto; 24 horas grudado um no outro.
- Mídia de áudio com dois fragmentos das entrevistas que fazem referência a esse corpo.

Fatos marcantes da carreira – mapa de Minas Gerais (parede esquerda)

- Aproveitando o mapa de Minas Gerais existente na sala e retirando apenas o painel de controle da atividade interativa que não existe mais, serão plotadas, nesse mapa, fotografias de ocorrências do Corpo de Bombeiros. As fotografias selecionadas foram cedidas por alguns entrevistados no momento da entrevista e também recolhidas do acervo do MMM. Ao utilizarmos as imagens sobrepostas no mapa de Minas Gerais, demonstramos que o Corpo de Bombeiros atende e serve a todo o estado.
- Mídia de áudio com dois fragmentos das entrevistas selecionados e que remetem aos fatos marcantes da carreira.

Família – painéis de curvas de nível (parede direita)

- Entre os painéis existentes, será inserida a mídia de áudio com trechos dos depoimentos que dão ênfase à relação com a família.

Artefatos de trabalho (parede central)

- Escadas que saem da parede em direção ao teto e que se entrelaçam com mangueiras, numa espécie de pergolado, e se ramificam. Para solucionar a dificuldade em utilizar vitrines, devido ao tamanho reduzido da sala, nas ramificações, alguns objetos citados pelos entrevistados e que existem no acervo do MMM serão pendurados e expostos. Durante as entrevistas, foram diversos os artefatos citados: farda; capacete; cinto ginástico; corda; machadinha; chave de mangueira; tocha; bomba; aparelho de mergulho; luvas; motosserra; esguicho; desencarcerador; fio de rosca; ferramentas; Auto Bomba Tanque (ABT); capa; cunha hidráulica; facão; e mangueira. Desses que foram citados e que existem na reserva técnica do MMM, podem ser utilizados na exposição: capacete, cinto ginástico, corda, machadinha; e luvas. A proposta das escadas que saem da parede em direção ao teto, além de solucionar a questão das vitrines, faz referência ao movimento de escalar, que é típico do trabalho dos bombeiros militares. As machadinhas e os capacetes estarão expostos

na parede, com a instalação de escadas no meio (Figura 15).

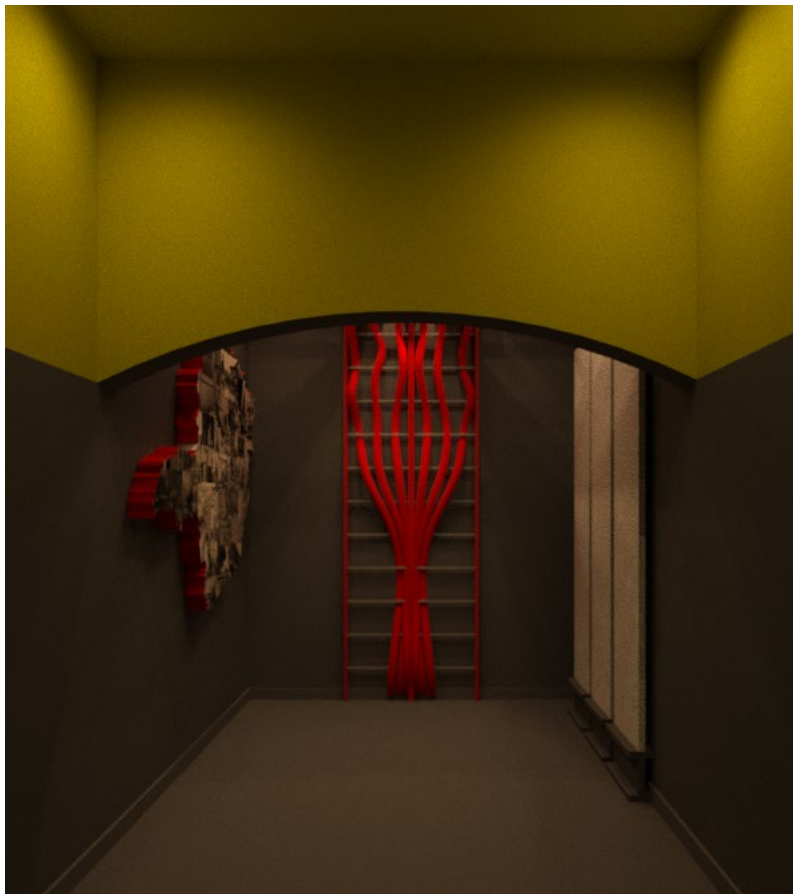
- Entre os objetos, haverá a inserção de mídia de áudio com dois fragmentos das entrevistas, selecionados os que remetem a esses objetos.

Figura 14 – Proposta de instalação – Planta baixa



Fonte: Acervo pessoal. Elaborada por Pedro Cortez, Software Revit.

Figura 15 – Projeto expográfico Sala 6 – Visão a partir da entrada



Fonte: Acervo pessoal. Elaborado por autoras em colaboração com Pedro Cortez em Photoshop, Adobe.

Figura16 – Projeto expográfico Sala 6 – Visão a partir do fundo



Fonte: Acervo pessoal. Elaborado por autoras em colaboração com Pedro Cortez em Photoshop. Adobe

A escolha dos fragmentos

A principal fonte disponível para a criação da proposta de instalação para o MMM foi o material registrado ao longo das seis entrevistas. As plotagens de palavras e expressões, o painel de fotografias e o pergolado de objetos foram ideias criadas a partir da análise das memórias dos confrades do

fogo (Figura 16). O trabalho com os depoimentos dos entrevistados gerou um material com mais de cinco horas de duração. Assim, foi necessário criar critérios para a seleção dos fragmentos para compor a proposta de instalação para o MMM. Considerando o tamanho reduzido da sala, o primeiro passo foi delimitar que, para cada tema, haveria dois fragmentos de fala (sendo que o corpo foi subdividido em corpo físico e corpo da unidade). Remetendo à cultura brasileira, cujas conversas são contínuas, em que um sujeito fala ao mesmo tempo que o outro, essas interlocuções serão exibidas ao mesmo tempo e de maneira randômica em pequenos fones pendurados em cada setor da sala. A escolha dos fragmentos foi feita procurando demonstrar narrativas plurais sobre a instituição, algumas contradições, desafios e também a individualidade de cada participante.

Corpo – vigor físico

O primeiro trecho escolhido foi do ten. Dias. Ele explicita que, logo na seleção para a entrada no Corpo de Bombeiros, já era exigida uma disposição física.

1. Ten. Dias: Olha (limpa a garganta), para a admissão, tinha essas provas todas aí. Prova física... entendeu? É... a prova física tinha corrida livre, corrida com saco nas costas, saco com 50 quilos, é... subida em corda, é... travessia em barra (aponta para cima). Entendeu? E era apertado. (Excer-

to do quadro de narrativas – Corpo – Vigor físico)

No segundo excerto selecionado, cel. Celso exemplifica situações de salvamento em que era necessário ter um bom condicionamento físico. Além disso, ele explicita que nem sempre foi possível trabalhar com segurança.

10. Cel. Celso: Exige um condicionamento físico tanto pra fazer salvamento em montanha, salvamento em gruta, salvamento aquático, salvamento durante os incêndios nos prédios, tudo precisa de um treinamento muito forte e muita coragem, porque, muitas vezes, não tem jeito de a gente fazer operação com muita segurança. A gente tem de colocar a missão acima da própria vida. (Excerto do quadro de narrativas – Corpo – Vigor Físico)

Corpo – membros do corpo

O primeiro excerto foi selecionado uma vez que, por meio dele, ten-cel. Simil utilizou uma metáfora dos membros de um corpo, mãos, braços, para exemplificar a união e o porquê do nome da corporação.

3.Ten-cel. Simil: É, quase sempre, né, na atividade em si, o bombeiro é extremamente unido. Por isso que se chama Corpo de Bombeiros. Ele... a gente precisa, como se fosse um braço, uma perna, uma mão. Ele é extremamente, né, agregado na atividade, né. (Excerto do quadro de narrativas – Corpo – Membros do corpo)

Neste segundo excerto escolhido, ten. Geraldo disse que os bombeiros militares não são super-homens e, por isso, foram instruídos a nunca trabalharem sozinhos.

1. Ten. Geraldo: É porque nós não sabemos em que momento pode surgir um transtorno qualquer, que eu vá precisar de alguém. Nós não nos consideramos um super-homem, não. Pode ser uma coisa simples, mas nós estamos sempre em dupla. E isso era muito recomendado naquele tempo: “Não trabalhe sozinho. Não faça natação sozinho. Não ande no mato sozinho. Não fique num incêndio, num certo ponto sozinho. Sempre num incêndio, com alguém”. Além das técnicas que nós sabemos, tinha essa recomendação: Sozinho, não! (Excerto do quadro de narrativas – Corpo – Membros do corpo)

Fatos marcantes da carreira

Os relatos sobre os fatos marcantes talvez sejam os mais detalhados e, por vezes, contêm descrições de ocorrências que impressionaram e tiraram o sono dos próprios bombeiros. Como o MMM recebe a visita de muitas crianças, por meio dos grupos escolares, tivemos o cuidado de selecionar relatos que não tivessem detalhes sobre mortes e o estado dos corpos resgatados.

Assim, selecionamos um trecho do ten. Dias relatando a ocorrência que mais o marcou. Mesmo sendo um episódio com um bom desfecho, no meio

do relato, ele fala do sentimento de medo que sentia. Outro fato selecionado foi da ten. Érica expondo os preconceitos que teve que enfrentar no início de sua carreira, simplesmente pelo fato de ser mulher.

11. Ten. Dias: A mais marcante foi um soterramento que teve ali na Avenida Amazonas, com o pessoal da prefeitura, fazendo um trabalho de canalização, não sei de que. Caiu o barranco todo em cima de dois cidadãos lá, sabe? Fomos lá. Tudo na base da mão (faz gestos com as mãos), tiramos os caras, mas com medo de cair o resto em cima da gente. Não tinha nada garantindo. Mas conseguimos tirar os dois com vida. Foram pro pronto-socorro, eu acompanhei. Depois por telefone. Eles saíram dessa ilesos. Essa ficou na minha memória por muito tempo. (Excerto do quadro de narrativas – Fatos marcantes da carreira)

26. Ten. Érika: E assim, durante a escolinha, eles exigiram bem mais da gente. E eles falavam que estavam exigindo porque a gente tinha que provar que era capaz. E que se a gente não fosse capaz, que nunca mais teria mulher no Corpo de Bombeiros e que a culpa era nossa. Então assim, a gente se desdobrava, era uma pressão física e psicológica muito grande. Muito grande. Eu lembro que logo que a gente formou, quem trabalhava no 1º BBM, que era o meu caso, a gente tinha uma vila, que chama... É... Ai, como que chama, gente? (olha para cima e tenta encontrar a palavra). Nossa, ali perto do Posto Chefão... Ai, eu esqueci o nome

do lugar. É um bairro, na verdade. Que naquela época parecia uma vila. Hoje é um lugar luxuosíssimo ali atrás do Posto Chefão, em Nova Lima, sentido 356 ali (aponta a direção), Nova Lima, perto da Lagoa dos Ingleses, antes de chegar um pouco na Lagoa dos Ingleses. Eu esqueci o nome do bairro. Lá não tinha água! E a maioria do pessoal que morava lá eram militares. Então a gente tinha que ir com a auto bomba, pra abastecer as caixas d'água desse pessoal. E o masculino fazia sacanagem com a gente. A gente tinha que subir em cima de telhado, em cima de laje e eles deixavam a gente fazer isso sozinha! Pra ver se a gente dava conta. Eu cansei de ir e a guarnição simplesmente chegava lá, o motorista ligava a bomba, controlava a pressão e o restante da guarnição cruzava os braços (cruza os braços). Pra ver se a gente ia dar conta. E a gente deu! (Excerto do quadro de narrativas – Fatos marcantes da carreira)

Família

No primeiro trecho selecionado, o subten. Antônio Mário demonstra que, diante da obrigação de disponibilidade permanente, do trabalho constante e exaustivo, muitas vezes, a família é colocada em segundo plano, é esquecida.

9. Subten. Antônio Mário: Você esquece, você esquece da sua família, você esquece, às vezes, até de você mesmo. Você chega ali e se depara com aquela situação. (Excerto do quadro de narrativas – Família)

Já no segundo excerto escolhido, ten. Érika conta da alegria e do orgulho de sua família por ela ter ingressado nas fileiras do Corpo de Bombeiros, seguindo a carreira militar de seu avô.

17. Ten. Érika: Nossa! Foi uma alegria imensa porque o meu avô foi militar. Meu avô foi da Polícia Militar. E até então, assim, na minha família (celular da entrevistada toca e interrompe a entrevista). A minha família ficou, assim, extremamente feliz. Eu era, meu tio, ninguém seguiu a carreira militar. Meu pai não seguiu carreira militar. Aí vem a neta e segue a carreira militar no Corpo de Bombeiros. Então, assim, era um orgulho e é até hoje, né, pra minha família, que eu tenha seguido a carreira militar, né, no Corpo de Bombeiros. E, assim, eu tenho muitos parentes que são do Corpo de Bombeiros. (Excerto do quadro de narrativas – Família)

Artefatos de trabalho

Os artefatos são essenciais para o cumprimento da missão do bombeiro militar. Durante as entrevistas, eles são citados inúmeras vezes. Mas, em determinados momentos da história do Corpo de Bombeiros, houve escassez de materiais. Ten. Geraldo conta sobre essa situação na década de 1960.

9. Ten. Geraldo: Naquele tempo, a escassez de material era uma coisa assustadora... Nós tínhamos mangueira, é, de fio de rosca. Não era adaptação rápida. Nós tínhamos corda, mas era de algodão. De-

pois é que chegaram as de nylon, dura. As luvas que a gente usava, era luva de raspa. (Excerto do quadro de narrativas – Artefatos de trabalho).

O outro trecho selecionado foi o do cel. Celso que, por meio dos artefatos contidos no distintivo do CBMMG, explica as funções da instituição (Cf. Figura 17).

21. Cel. Celso: Olha, eu usava aqui esse emblema do Bombeiro (mostra os capacetes que estão em cima da mesa e que tem o emblema do Corpo de Bombeiros) pra falar sobre as missões do Bombeiro. Então, eu mostrava essa chama aqui do emblema, que é fogo sobre controle. Então, a principal função do bombeiro é a prevenção. É impedir que esse fogo saia do controle do homem. Porque, quando ele sai, vira incêndio. Aí ceifa vidas, dá prejuízos enormes. Bem, a segunda atividade do Bombeiro, depois da prevenção de incêndio, que eu achava que era a principal função, vem a defesa civil, são os socorros públicos. E estariam simbolizados aqui por essas duas machadinhas. Em terceiro lugar, é aqui essas mangueiras, ó, que é combate a incêndio. (Excerto do quadro de narrativas – Artefatos de trabalho)

Imagem 17 – Distintivo do CBMMG



Fonte: Quinta Seção do Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais.
Acervo CBMMG

Desafios e lacunas de uma expografia

Os museus são, por vocação, lugares e ancoradouros de memórias individuais e coletivas. O movimento de valorização do patrimônio imaterial tem arguido o processo de construção das expografias centradas nos objetos de museu destituídos de seus valores simbólicos e de suas relações com ações em diferentes espaços sociais. A função social de guardar e preservar a cultura material é

acrescida por uma função educadora criadora de narrativas de evocação de um tempo passado para o presente. Muitas vezes, a função comunicativa é prevalente, como no caso que relatamos. A intenção educativa está presente na postura de que todo espaço interativo é educador ao propor um comportamento cognitivo intelectual e socioemocional ao visitante. A mediação educativa no espaço expositivo é uma dimensão que ultrapassa o presente texto.

O processo de musealização, um conjunto de ações que transformam objetos artísticos, patrimoniais ou ordinários, documentos, imagens e depoimentos em objetos de museus, é sempre seletivo e marcado por tensões entre as muitas relações de poder que permeiam as sociedades. O ato de musealizar encontra nos aspectos documentais, testemunhais e informacionais a integração da identificação, da preservação, da comunicação e da educação de um patrimônio não mais privado, mas coletivo. A exposição não tem importância por si só, mas pela viabilização do encontro entre a narrativa expositiva e as muitas narrativas privadas dos visitantes em interação com os elementos expositivos. Como destaca Cury (2005), o público será visto como ator e autor de significados, e não mais consumidor ou receptor da comunicação museal. Cada vez é mais presente no contexto brasileiro o movimento de reivindicação de construção de espaços de memória de setores que, tradicionalmente, não têm ainda suas narrativas identitárias representadas em objetos de coleções.

Diante de nossa experiência no Museu dos Militares Mineiros, percebemos algumas lacunas no que tange ao conhecimento e à divulgação das memórias dos sujeitos que fizeram parte do Corpo de Bombeiros. Assim, para o desenvolvimento deste trabalho, superamos o exercício solitário de curadoria de objetos, exposto de forma taxonômica, priorizando uma interação contemplativa para um trabalho interdisciplinar coletivo, de modo a envolver os elementos da exposição com seus sujeitos e o visitante em um convite de interação pelos sentidos e sentimentos. A finalidade foi descortinar outras memórias de bombeiros militares sobre seu ofício e compartilhar as emoções de suas recordações.

Por meio da realização de seis entrevistas com membros da Confraria do Fogo, foi possível cumprir com o objetivo da pesquisa e planejar uma instalação para o MMM. Por se tratar de um trabalho realizado por meio da coleta de depoimentos, com entrevistas semiestruturadas, não houve um protocolo rígido a ser seguido, sendo necessário um protocolo flexível o bastante para se ter um movimento de aproximação e afastamento do objeto. À medida que as entrevistas foram sendo realizadas, crescemos na forma de conduzi-las e conseguimos uma coleção documental com inúmeras possibilidades de subprodutos.

Ecléa Bosi (1993, p. 3) defende que a “memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento”. Tendo em vista esse conceito e o fato de que lembrança puxa lembrança, novas entrevis-

tas com os mesmos participantes ofereceriam outros relatos de suas memórias.

A proposta de expografia para a Sala 6 visa enriquecer as narrativas para além daquelas centradas nos objetos e nos documentos oficiais. São relatos plurais, múltiplas, que trazem até mesmo algumas visões contraditórias a respeito do Corpo de Bombeiros. Essas visões nos possibilitam perceber que a instituição, considerada por muitos uma organização de heróis, é formada por vários sujeitos, com sentimentos, medos, limitações e habilidades. Por meio das microbiografias dos confrades do fogo, foi possível elucidar que a instituição Corpo de Bombeiros, uma corporação que tem o corpo no nome, aparentemente homogênea, é formada por sujeitos diversos e heterogêneos.

Consideramos que comunicar essas narrativas na proposta expográfica de uma sala poderá ser incorporada no MMM como recurso didático, educando por meio da sensibilização tanto do público geral quanto do público das corporações militares. Esse é apenas um primeiro passo de um trabalho contínuo de produção de significados desse acervo. Ainda há muito que se explorar sobre os bombeiros militares de Minas Gerais e criar vínculos desses sujeitos com a comunidade do estado.

Para ser completa, uma exposição precisa de uma proposta educativa. Todavia, desenvolver um programa educativo para a exposição não foi o objetivo desta pesquisa, que deixa essa lacuna. Caso a instalação seja incorporada ao MMM, caberá à equipe do museu desenvolver tal trabalho.

Tendo em vista a concepção de que os museus também educam pela sensibilização e pelos sentidos, nossa sugestão é de que o setor educativo explore a escuta por meio dos áudios, da visão e dos objetos pendurados no teto. Uma opção é colocar os visitantes deitados no chão para fruírem a instalação, fazerem exercícios com as dimensões emocionais que estão presentes nos depoimentos e abrirem espaço para o registro das mesmas dimensões (corpo, artefatos de trabalho, família e fatos marcantes) em suas vidas, entre outras possibilidades educativas.

Além da proposta de expografia, as microbiografias também foram entregues ao MMM, podendo gerar outros produtos. O material produzido, além de ser suporte para a instalação, poderá ser explorado de outras formas tanto pelo MMM quanto pelo próprio CBMMG.

O processo de abertura do MMM foi conturbado e corrido, fato infelizmente presente na criação e na manutenção de outras instituições museais. Assim, ainda não foi completado o inventário do acervo do museu, e seu planejamento museológico apresenta muitas lacunas. Muito do que foi registrado nas entrevistas, como a descrição de fardamentos e utilização de alguns artefatos, poderá se tornar material de pesquisa para o MMM. Os detalhamentos de algumas ocorrências, os relatos de como era a corporação há décadas, a descrição de objetos e ferramentas que já não são mais utilizados e a exposição das dificuldades enfrentadas

poderão igualmente servir como material didático nas aulas de História do CBBMG nos cursos de entrada na instituição: Curso de Formação de Oficiais (CFO) e Curso de Formação de Soldados (CFSd).

Esse tipo de trabalho poderá ser incorporado pela Adjuntoria de Cultura da EBMB5, assim, muito sobre a história da corporação poderá ser des-cortinado, fortalecendo a instituição, além de proporcionar a valorização dos bombeiros militares reformados ou da reserva.

Além das contribuições relacionadas ao próprio universo do bombeiro militar, esta pesquisa poderá servir de modelo para outros museus que estejam passando por um momento de renovação de exposição e que pretendem trabalhar com relatos orais.

Considerações Finais

Os museus cumpriam inicialmente, no contexto da cultura ocidental, uma função civilizatória de ordenação, classificação e guarda de narrativas patrimoniais. Após o canteiro de renovação dos museus brasileiros, resultado principalmente do movimento de redemocratização, no qual o direito à memória se tornou constitucional, e devido à manutenção de uma política cultural sistêmica com a criação do Sistema Brasileiro de Museus em 2004, várias narrativas emergiram na sociedade. As discussões latino-americanas no campo museal colaboraram para o desenvolvimento da sociomuseologia, imprimindo à área as dimensões comunitárias, educativas e multiculturais nos processos museológicos.

No presente, outras epistemologias permeiam a curadoria de exposições, permanentes e temporárias, valorizando a incorporação de aspectos do patrimônio imaterial no espaço expositivo dos acervos. Da mesma forma, a natureza dos espaços patrimoniais se multiplicou com a criação de Casas de Patrimônio, Museus Comunitários e de Territórios.

A abertura do Museu dos Militares Mineiros acontece nesse fértil momento histórico, e a própria instituição militar revê sua comunicação com a sociedade. O processo relatado neste texto está inserido nesse contexto de aproximação e dialogia entre as culturas militares, do Corpo de Bombeiros, e a museografia, retomando a definição do Instituto Brasileiro de Museus de que os estes são insti-

tuições conectivas de mundos, tempos, culturas e sujeitos.

Contudo, nosso primeiro diagnóstico da museografia no espaço aqui apresentado identifica a prevalência da narrativa dos objetos museais sobre àquela dos sujeitos. A análise dos depoimentos nos evidenciou o processo de subjetivação desses agentes públicos, permeado de tensões entre a ação de defesa civil e o pertencimento institucional e familiar. A migração da corporação para o serviço de segurança pública é um episódio que marca tais subjetividades e que provavelmente afeta todos esses corpos.

Ao longo dos tempos, a curadoria, por sua vez, ultrapassou o discurso de preservação, conservação e valorização do acervo, centrado na figura heteronormativa do curador, para processos dinâmicos e interativos. É importante destacar que a interação no museu é aqui entendida em suas três dimensões: contemplativa, hands on e reflexiva. Não negligenciamos a importância da poética do espaço tomando os objetos museais em suas dimensões estéticas e emocionais. Assim, a contemplação permaneceu como uma importante dimensão de promoção de uma educação socioafetiva. A possibilidade de manipular e prever ações sobre os objetos de exposição, em nossa proposta, passou pelo convite de escuta ativa de excertos selecionados para compor a exposição da sala. Finalmente, a dimensão reflexiva está registrada na organização rizomática dos objetos, ocupando as três dimen-

sões espaciais da sala no fundo vertical e, a partir do teto, distribuindo objetos no espaço da Sala 6. O desenvolvimento de uma ação educativa será fundamental para a efetivação dessa interação.

Ao ultrapassarmos duas décadas do século XXI, a presença das múltiplas plataformas tecnológicas e comunicacionais permite, para além de uma interação física presencial, a virtualidade nos museus. A proposta apresenta várias limitações, e a comunicação de integração de presencial e virtual é um limite que destacamos como forma de interação. Os desafios sociais, políticos e econômicos dos últimos anos evidenciam a importância de todos os espaços públicos acolherem as tecnologias comunicacionais em suas galerias. Uma exposição é conteúdo discursivo, estético e comportamental. Além das ideias, dos conceitos-chaves que promovem a narrativa dos objetos, a fruição entre cores, formas e sons, pode emocionar o visitante e convidá-lo a comportamentos de toques em objetos e de ações de pensamentos políticos, econômicos e socioambientais.

A perspectiva social presente atualmente nos museus os transformou em laboratórios de vivências, instrumentos de mobilização de redes de comunidades locais e globais. As redes sociais, com convites de interação em cada módulo expositivo, são elementos que podem ser incluídos na sala.

Como destacado por Ulpiano Bezerra de Menezes (2011), na contemporaneidade os museus devem problematizar a memória como instrumento

de poder. Acrescentamos que os espaços de produção, preservação e reforço de uma memória específica estão cada vez mais abertos às narrativas conflitivas, ao convite à crítica e ao entendimento de memórias, aqui compreendidas como diversificadas, conflitantes e plurais.

Nossa reflexão sobre a expografia do Museu dos Militares Mineiros destacou o discurso de bombeiros militares que já não estão no serviço ativo e que fizeram parte da história da corporação. Esse convite admite também um debate no presente, tanto dos muitos militares no serviço ativo ou não como das muitas comunidades de visitantes do museu. O corpo viril e heroico foi substituído por um corpo feminino, por corpos frágeis e emocionados, por corpos infantis de filhos e netos crescendo com sonhos de continuarem uma tradição de famílias de militares. E, claro, a presença de corpos frágeis resgatados, mutilados pelo tempo e pelo esquecimento, refletiu nas lágrimas dos depoentes.

Esses corpos edificaram objetos de trabalho, artefatos sociais erguidos com suas próprias mãos. A ação desses artefatos da cultura militar dialoga com alguns objetos de nosso cotidiano: facas, tesouras, mangueiras, escadas... mas apresentam objetos inusitados de insígnias, medalhas, capacetes...

As carreiras, com a profissionalização dos serviços de defesa civil e segurança pública, foram marcadas por sentimentos de esperança, medo, surpresa e angústia, de gratidão, companheirismo, solidariedade e paixão. Os fatos marcantes incor-

poraram a dimensão social, e pode ser destacada a importância política do ato que ultrapassa a mediação das ocorrências.

A efetivação do planejamento de montagem e execução da proposta precisa dar sequência a uma profunda reflexão sobre as possibilidades de avaliação contínua e processual de uma expografia. Uma grande lacuna nas produções expográficas é a previsão dos possíveis ajustes, das complementações e das mudanças recorrentes diante da recepção, que ainda é pouco representativa no universo dos museus brasileiros.

Para finalizar, em um contexto de intercâmbio de ideias, esperamos que esta obra colabore e inspire a produção de novas narrativas para outros museus. Também esperamos que sirva de inspiração para que outras instituições militares possam pensar e construir espaços dedicados à memória dos sujeitos que as compõem. Memórias múltiplas e, por vezes, contraditórias, que ajudam a escrever narrativas históricas dessas instituições de maneira mais humana e sensível.

Referências

- ALBERTI, Verena. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.
- ALMEIDA, Juniele Rabêlo de. Identidade militar e resistência: soldados em greve. *Interações*, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 49-64, 2007.
- ALMEIDA, Maria Mota. Mudanças sociais/mudanças museais: Nova Museologia/Nova História – Que relação? *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, v. 5, n. 5, p. 107-128, 1996. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10437/3548>. Acesso em: abr. 2019.
- AQUINO, Wagner Soares de; MARÇAL, Marina Mateus (Org.). *Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais: cem anos de história e reflexão (1911-2011)*. Belo Horizonte: CBMMG, 2013.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- BRESSER PEREIRA, Luiz Carlos. Ideologias econômicas e democracia no Brasil. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 3, n. 6, p. 46-63, ago. 1989. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141989000200004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: out. 2019.
- BROWN, Karen; MAIRESSE, François. The Definition of the Museum Through its Social Role. *The Museum Journal*, v. 61, n. 4, p. 525-539, 2018.

- CELETTI, David; NOVELLO, Elisabetta. *La didattica della storia attraverso le fonti orali*. Padova: Centro Studi Et-tore Luccini, 2006.
- CHAGAS, Mário de Souza. No museu com a turma do Charlie Brown. *Cadernos de Museologia*, Lisboa, v. 2, n. 2, p. 49-65, maio 1994. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/535>. Acesso em: mar. 2018.
- CURY, Marília Xavier. *Exposição: concepção, montagem e avaliação*. São Paulo: Annablume, 2006.
- CURY, Marília Xavier. *Revisão museológica e museográfica do Museu Histórico de São Francisco do Sul: projeto expográfico*. São Francisco do Sul: Programa MONUMENTA, 2006.
- DARDOT, Liliane; ALMADA, Márcia (Org.). *O coração do lugar: depoimentos para Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura/Superintendência de Museus, 2006.
- DESVALLÉES, André; *et al.* *Conceitos-chave de museologia*. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2013.
- DOHMANN, Marcus (Org.). *A experiência material: a cultura do objeto*. Rio de Janeiro: Rio Books, 2013.
- DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar*, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004.
- DUTRA, Soraia Freitas. *A educação na fronteira entre museus e escolas: um estudo sobre as visitas escolares ao Museu Histórico Abílio Barreto*. 2012. 468 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/CPSA-92VHW9>. Acesso em: dez. 2017.

- ESPERÓN, Juan Pablo Emanuel. O corpo como unidade de dominação: a compreensão deleuziana do elemento trágico da filosofia de Nietzsche. *Revista trágica*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 14-28, 2013.
- FARAH, Leonard. *Além da lama: o emocionante relato do capitão dos bombeiros que atuou nas primeiras horas da tragédia em Mariana*. São Paulo: Vestígio, 2019.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 314-332, jul./dez. 2002.
- FRANCO, Maria Ignez Montovani. Museus: agentes de inovação e transformação. *Cadernos de sociomuseologia*, Lisboa, v. 57, n. 13, p. 13-27, 2019.
- GALLUZZI, Tânia. *Éramos vinte: a história do Corpo de Bombeiros de São Paulo*. São Paulo: Gramani, 2018.
- JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. Madrid: Siglo XXI de España Editores, 2002.
- KIROUAC, André. The military museum as an advocate for peace. *ICOMAM*, London, v. 2, p. 22-23, 2009.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1990.
- LINHARES, Fernando Roberto da Costa. *Os significados de uma visita a um observatório astronômico: um estudo baseado nas memórias e emoções de estudantes*. 2019. 430 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.
- MACIEL, Greiene Lopes dos Santos; NASCIMENTO, Sylvania Sousa do. Educação a comunicação museal: a emissão rápido papo de criança. *Museologia e interdisciplinaridade*, Brasília, v. 3, n. 6, mar./abr. 2015.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski. História oral como fonte: problemas e métodos. *História*, Rio Grande, v. 2, n.1, p. 95-108, 2011.

MATTOS, Yára; MATTOS, Yone. *Abracaldabra: uma relação afetivo-cognitiva na relação museu-educação*. Ouro Preto: UFOP, 2010.

MCCOY, Megan. *Relics of Battle: War, Memory, and New Museum Theory in Military Museums*. 2016. 209 f. Thesis (Anthropology) – University of Denver, Denver, 2016. Available on: <https://digitalcommons.du.edu/etd/1130>. Access in: mar. 2019.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Educação e museus: sedução, riscos e ilusões. *Ciências e Letras*, Porto Alegre, n. 27, p. 91-101, jan./jun. 2000.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. O filósofo se debruça sobre o papel dos museus na sociedade contemporânea. Entrevista. *Revista E*, São Paulo, n. 164, p. 10-14, jan. 2011.

NASCIMENTO, Silvania Sousa do. *Ciência e Tecnologia para a constituição da atividade docente na contemporaneidade*. Belo Horizonte, 2011. Memorial de Concurso Professor Titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Mimeo.

NASCIMENTO, Silvania Sousa do; ALMEIDA, Maria José. Pereira M. de. O conceito de mediação na fala dos diretores de museus de ciências de Belo Horizonte: reflexões para a construção de uma prática educativa para o ensino de Física. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE ENSINO DE FÍSICA, 18., 2009. *Atas...* Vitória, 2009.

NASCIMENTO, Silvania Sousa do; VENTURA, Paulo Cezar Santos. A dimensão comunicativa de uma exposição de objetos técnicos. *Ciência e Educação*, Bauru, v. 11, n. 3, p. 445-456, 2005.

- NASCIMENTO, Sylvania Sousa do; VENTURA, Paulo Cesar Santos. Mutações na construção dos museus de ciências. *Pró-Posições*, Campinas, v. 12, n. 1, p. 126-138, mar. 2001.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, v. 10, p. 7-29, dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: maio 2018.
- PARREIRAS, Bruno Henrique; NASCIMENTO, Sylvania Sousa; JARDIM, Gustavo Rocha. Interdisciplinaridade e ensino de ciências: a presença da história oral em dissertações do Mestrado Profissional. In: XI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 2017. *Anais...* Florianópolis, 2017.
- PEREIRA, Júnia Sales *et al.* *Escola e museus: diálogos e práticas*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura; Superintendência de Museus; Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; Cefor, 2007.
- PEREIRA, Júnia Sales; CARVALHO, Marcus Vinícius Corrêa. Sentidos dos tempos na relação museu/escola. *Cadernos Cedes*, Campinas, vol. 30, n. 82, p. 383-396, set./dez., 2010.
- PLANO MUSEOLÓGICO. Museu dos Militares Mineiros. Superintendência de Museus e Artes Visuais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: http://www.cultura.mg.gov.br/images/2014/Sumav/militar_digital.pdf. Acesso em: maio 2019.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart; BARBOSA, Marialva. Memória, relatos autobiográficos e identidade institucional. *Comunicação e Sociedade*, Dossiê Cibertivismo latino-americano, v. 28, n. 47, p. 109-114, 2007. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/CSO/article/view/737>. Acesso em: 5 fev. 2018.

- SANTOS, Greiciene Lopes dos. *Ação educativa museal: marcas institucionais e registros documentais*. 2008. 111 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/FAE-C-85MPA8>. Acesso em: out. 2018.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Políticas de memória na criação dos museus. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, v. 19, n. 19, p. 99-120, 2002. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/48579402.pdf>. Acesso em: dez. 2017.
- SERRES, Michel. *Variações sobre o corpo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- SOARES, Bruno Brulon. A invenção e a reinvenção da nova museologia. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, v. 47, p. 255-278, 2015.
- SOARES, Leonardo Barros; MIRANDA, Luciana Lobo. Produzir subjetividades: o que significa? *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 408-424, 2009. Disponível em: <https://www.re-dalyc.org/pdf/4518/451844629010.pdf>. Acesso em: nov. 2019.
- SOARES, Marta Genu; KANEKO, Glaucia. Lobato; GLEYSE, Jaques. Do porto ao palco, um estudo dos conceitos de corporeidade e corporalidade. *Dialektiké*, v. 3, 2015.
- SUANO, Marlene. *O que é museu*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

- TEIXEIRA, Mariana Jacob. *A natureza e gestão das coleções dos museus militares na dependência da Direção de História e Cultura Militar (Exército)*. 2011. 166 f. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Portugal, 2011. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/57349/2/TESEMESMARIANAJACOBV1000147792.pdf>. Acesso em: mar. 2019.
- TOURAINÉ, Alain. *Critique de la modernité*. Paris: Fayard, 1992.
- TOURTIER-BONAZZI, Chantal de. Arquivos: propostas metodológicas. In: FERREIRA, Marieta Moraes; AMADO, Janaina (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- VARINE, Hugues de. *As raízes do futuro*. Porto Alegre: Medianiz, 2012.
- VIEIRA, Rodrigo Drumond. *Discurso em salas de aula de ciências: uma estrutura de análise baseada na teoria da atividade, sociolinguística e linguística textual*. 2011. 139 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. *Psicologia pedagógica*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. Análise de entrevistas em pesquisas com histórias de vida. *CADERNOS CERU*, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 147-158, 2000.

Sobre as autoras

Andréa Lomeu Beltrão é graduada em Pedagogia pela UEMG (2007) e em História pelo Centro Universitário de Belo Horizonte (2011). Pós graduada em Gestão Cultural pelo Centro Universitário Una (2013) e em História Militar pela Universidade do Sul de Santa Catarina (2016), é mestre em Educação e Docência, linha Educação em Museus pela UFMG (2020). Tem como áreas de atuação Gestão e Produção Cultural, Educação em Museus, Montagem de Exposições e Capacitações Profissionais. É historiadora do Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais (CBMMG) onde realiza pesquisas e leciona aulas de História do Corpo de Bombeiros nos cursos de formação da corporação.

Silvania Sousa Nascimento é licenciada em Física pela UFMG (1983), mestre em Ensino de Ciências (Modalidade Física e Química) pela Universidade de São Paulo (1990), doutora em Didática das Disciplinas de Ciências e Tecnologias pela Université Paris VI (1999) e com Pós-doutorado em Educação pela UNICAMP (2008-2009). Professora titular aposentada no Departamento de Métodos e Técnica de Ensino da Faculdade de Educação da UFMG participou como professora visitante em diferentes momentos nas universidades européias (École Normale Supérieure de Lettres et Sciences Humaines de Lyon, Université de Lyon, Université de Paris 6) e na Universidade de Padova. Ocupou o cargo de Superintendente de Museus da Secretaria de Estado da Cultura de MG (2005-2007), de

Secretária para Assuntos de Ensino da Sociedade Brasileira de Física (2011-2013), e de Diretora de Divulgação Científica da Pro Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Minas Gerais de 2010 até 2018. Tem como áreas de atuação a Educação em espaços escolares e não escolares, com pesquisas principalmente nos temas de comunicação pública das ciências, ensino de ciências, formação de professores de ciências, museus de ciências e educação patrimonial.

